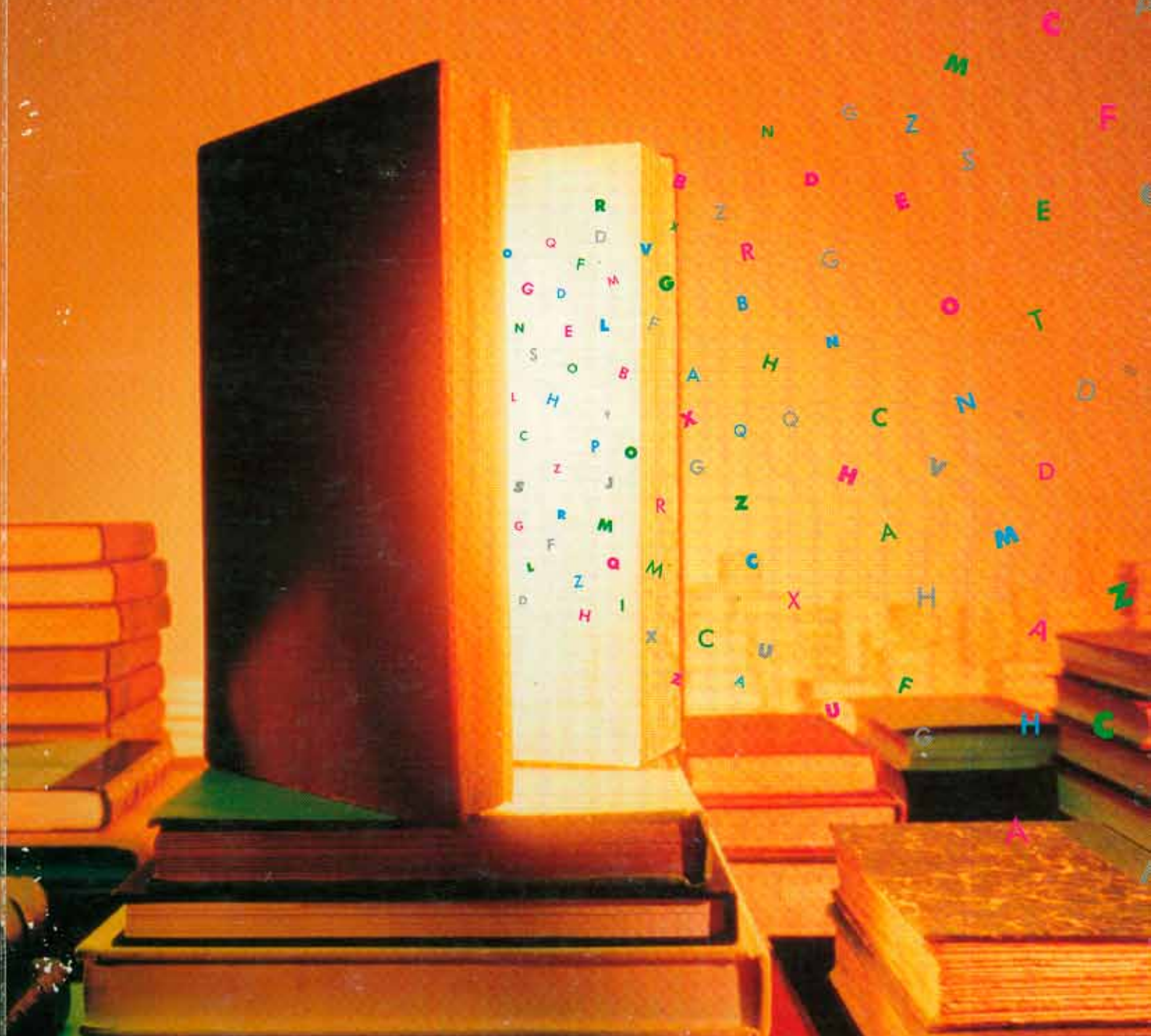


TERCEIRA IDADE



UNIVERSIDADE ABERTA E CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES • EDUCAÇÃO CONTINUADA E FACULDADE DA TERCEIRA IDADE • TERCEIRA IDADE PROGRAMA INTEGRADO • LAZER, ESTILO DE VIDA E LONGEVIDADE VELHOS DE RUA NO BRASIL: A MORTE SILENCIOSA • ENVELHECER NO BRASIL, UMA AVENTURA!



TERCEIRA IDADE



ANO IX - Nº 12
AGOSTO 1996

SUMÁRIO



Publicação Técnica editada pelo SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC), Administração Regional no Estado de São Paulo - Av. Paulista, 119 9º andar - CEP 01311-903 - Tel. 284-2111 - São Paulo. COMISSÃO EDITORIAL: Danilo Santos de Miranda (Diretor do Departamento Regional), Jesus Vazquez Pereira (Superintendente Técnico-Social), Marcelo Antonio Salgado (Gerente de Apoio Operacional e Estudos da Terceira Idade/Coordenador), Osvaldo Gonçalves da Silva (Redator e Revisor), Antonio Arroyo, José Carlos Ferrigno PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES: Eron Silva. EQUIPE DE ARTE: Cristina Miras, Cristina Tobias, Marilu Donadelli. CAPA: Ilustração por Eron Silva. Foto: The Image

UNIVERSIDADE ABERTA E
CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES
Paulo de Salles Oliveira .5.

EDUCAÇÃO CONTINUADA E
FACULDADE DA TERCEIRA IDADE
Elizabeth Moraes Liberato 11.

TERCEIRA IDADE
PROGRAMA INTEGRADO
Eliana Barbosa Gonçalves Riva 17

LAZER, ESTILO DE VIDA
E LONGEVIDADE
Katia Brandão Cavalcanti 27.

VELHOS DE RUA NO BRASIL:
A MORTE SILENCIOSA
Maria Ana Moura de Oliveira da Silva 35.

ENVELHECER NO BRASIL
UMA AVENTURA!
Dr. Osvaldir Vieira da Silva 45.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA
Osvaldo Gonçalves da Silva 51.

EDITORIAL

Passamos por um momento de grandes definições e isto gera certo temor por parte de muitos setores que estão cada vez mais à margem das decisões. Vivemos iludidos e ansiosos à espera da realização de promessas e cumprimento de previsões. Corremos o risco de conceber a história como uma seqüência linear. Esquecemo-nos de que ela é feita também de incertezas e acasos, e que somente sob esta concepção ela pode nos libertar da angústia gerada pelo determinismo dos fatos.

Não são apenas os valores que estão correndo perigo, mas o próprio termo civilização perdeu seu significado etimológico. Civilização, hoje, quer dizer guerras e massacres, violência nas grandes cidades e no campo, execução de crianças e prostituição de menores, intoxicação com substâncias radioativas, reatores nucleares, bombas atômicas.

A explicação do mistério da vida muda seus referenciais e escapa à lógica da razão. Entram em cena, com toda a credibilidade, os

novos intérpretes do invisível e do imponderável, criando formas de um misticismo elegante. Proliferam livros esotéricos, pululam seitas e doutrinadores. Sacrifícios humanos são celebrados com rituais satânicos em plena luz do dia. É a teologia secularizada.

Tornou-se obsessão quantificar tudo: política, sexualidade, esportes, cultura etc., em detrimento da qualidade. Até mesmo a realidade cotidiana que pertence ao domínio do movediço, do mais ou menos, do impreciso é submetida às noções rígidas, exatas dos números.

Diante de tantas distorções, perguntamos: que destino está reservado às minorias em uma sociedade onde tantos conceitos são reformulados a partir de premissas discutíveis, sem que o consenso lhes dê o aval da legitimidade? Não somos apocalípticos nem apologistas do caos, mas também a crença ingênua de que estamos no caminho certo não faz parte de nossas convicções.

APRESENTAÇÃO

Vivemos a era da informática e sua importância é indiscutível no processo de desenvolvimento de qualquer país. Furor cibernético, automação, globalização são realidades do cotidiano, são palavras chaves que definem a construção de uma sociedade emergente não muito distante.

Estamos diante de novas tecnologias que vão mudar, nas próximas décadas, a paisagem de nossas vidas e o universo de nosso comportamento. Se utilizadas corretamente, contribuirão, com certeza, para melhorar o bem-estar da humanidade, ampliar sua criatividade e aprimorar os relacionamentos.

Não obstante, existe ainda certa desconfiança e inquietude, sobretudo entre os mais velhos que, por uma série de circunstâncias, têm dificuldade de entender e assimilar o inevitável progresso e suas consequências.

Este é apenas um aspecto que achamos relevante enfatizar e que, em um mundo onde mensagens navegam indiscriminadamente sob o

comando de “chips”, amparadas pelo anonimato e sem qualquer controle que resguarde os princípios éticos, pode significar o enfraquecimento ainda maior de todo um sistema já carente de solidez e de perspectivas humanitárias.

Daí, a importância de um trabalho de educação continuada nas universidades da terceira idade, para que o idoso compreenda esse momento de mudanças profundas e acerte seus passos ao ritmo de uma nova ordem social, cujas características ainda não estão muito bem definidas. Em outras palavras, é o lugar do idoso na sociedade pós-moderna que está em jogo.

Acreditamos no potencial de nossas instituições políticas e na capacidade de nossas lideranças, na busca de um futuro melhor para as pessoas de idade avançada. Com nosso trabalho temos tentado descobrir novos espaços e estratégias nesta direção. É este, aliás, o sentido do atendimento que o SESC tem dado ao público idoso, há mais de trinta anos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do SESC de São Paulo



UNIVERSIDADE ABERTA E CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES

PAULO DE SALLES OLIVEIRA

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO/USP

“Co-educação supõe gerações em movimento. Este fazer-se sugere que cada geração, além de ser vista como depositária de uma época e, portanto, banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço.”



Só muito recentemente a universidade se deu conta da importância em construir projetos educacionais que incluíssem os idosos. Experiências neste sentido já vêm sendo desenvolvidas há algum tempo na Europa, sobretudo na França e na Itália, assim como na América do Norte, nomeadamente nos Estados Unidos e no Canadá. Neste tempo, muitas propostas tiveram curso, criando um elenco diferenciado de orientações.

No Brasil, antes de passar pelas instituições universitárias, a idéia floresceu pela primeira vez no trabalho social com idosos, desenvolvido no estado de São Paulo, pelo Serviço Social do Comércio-SESC. Foi assim que, nos anos 70, nasceu em Campinas a primeira Escola Aberta da Terceira Idade, projeto inicialmente experimental que vingou e ganhou exuberância singular.(1)

Atualmente, quando várias universidades brasileiras abraçam programas, envolvendo um público de pessoas idosas, trabalhando com procedimentos pedagógicos distintos e capazes de dar feições particulares à idéia de universidade aberta, muitas são as questões candentes. Gostaria, aqui, de tratar de duas delas que remetem à dimensão conceitual.

Em primeiro lugar, qual a posição a ser ocupada pelas pessoas idosas no processo educativo? Se o móvel predominante que as levou à universidade está na sede de atualização, sua tarefa se restringiria a absorver os conteúdos transmitidos ou haveria, além disso, espaço pedagógico para veiculação de suas respectivas maestrias e de suas próprias experiências? Se houver também esta última preocupação, como poderia ser explicitada praticamente?

Em segundo lugar, qual seria efetivamente o escopo da universidade

em ampliar seu leque de atuação? Difícil não lembrar que a emergência dos idosos no cenário dos movimentos sociais nobilita o tema entre os modismos. Não imagino as universidades públicas brasileiras dominadas pelo oportunismo que consome boa parte das instituições sociais no Brasil, mas, no tocante à questão em pauta, seria justo pedir-lhes que esclareçam as premissas básicas que orientam mais esta forma de atuação. Justamente para que possam mostrar-se diferenciadas e, assim, dissipar eventuais dúvidas ou mesmo associações rasteiras com o imediatismo.

POSIÇÃO RECEPTIVA PARA OS ALUNOS IDOSOS OU CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES?

Na base desta questão está implícita, muito mais que uma escolha, a predisposição ou não da universidade em assumir com as pessoas idosas, agora também alunas, um trabalho que vai além da veiculação de conhecimentos e que supera o plano das idéias, incorporando a necessidade prática de um trabalho em conjunto. Se a opção recair nesta última perspectiva, a universidade não só assume sua vocação enquanto instituição produtora e difusora do saber como abre horizontes para acolher e assimilar traços de uma cultura que não está em livros ou tão pouco documentos, dado que sua construção remete à experiência vivida.

Co-educação supõe gerações em movimento. Este fazer-se sugere que cada geração, além de ser vista como depositária de uma época e, portanto, banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas na cultura material e simbólica que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas

das gerações umas às outras. Como se trata de um mover-se, de algo que está se desdobrando, são legados que se renovam. Além do que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo a receptora inerte das dádivas. Um convívio de gerações nesta perspectiva não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedorias dos jovens e adultos para os mais velhos e sim numa alternância em que os sujeitos se refaçam e se reconstituam mutuamente.

Essa influência recíproca se traduz entre as gerações pelo “jogo fluido de influências”, no dizer de Claudine Attias-Donfut (2) ou pela “elasticidade mental”, de que fala Karl Mannheim (3).

Além disso, a transmissão dificilmente é assimilada sem modificações, o que pode relativizar ainda mais a idéia de um eventual receptor inerte. As novas possibilidades que se abrem para gerações que participam de um projeto de co-educação implicam assim renovação e conquistas. Isso porque a aquisição de um saber não ocorre como quem passa um anel entre as mãos, mas comporta um trabalho na mente de quem o recebe, ingressando na vida dessa pessoa como conquista.

A incorporação de uma experiência, explica Mannheim, não se faz por soma ou aglutinação (4); se assim o fosse, sempre haveria passividade por parte do receptor, como se a cultura, uma vez erodida do emissor, se depositasse naquele como em camadas de aluvião. Idosos, jovens e adultos interagem na vida em comum e se modificam reciprocamente. É uma possibilidade que se inaugura a partir de co-existência de gerações diferentes, numa dada situação social. Só a co-existência, todavia, nada garante.

A não-contemporaneidade entre os contemporâneos foi discutida

por Pinder, ao correlacionar tempo, percepção e idade. Diz ele: “todos vivem com pessoas da mesma idade e com outras de idades diferentes, deparando-se com várias possibilidades de experiência entre si. Para cada um, contudo, o “mesmo tempo” é um tempo diferente, ou seja, representa um diferente período do seu eu, o qual só poderia ser compartilhado com pessoas da mesma idade” (5).

Só co-existir, portanto, não poderia explicar por si mesmo um convívio estreito, respeitador das diferenças entre as gerações. Mesmo porque a co-existência poderia ajudar a elucidar ou a ratificar uma possível consciência não de união e sim de oposição entre as gerações (6). A co-educação, então, para se realizar necessita de uma convergência feliz de orientações, quer dizer, precisa da anuência de sujeitos diferentes na busca de relações igualitárias.

Como isso seria realizável? Ecléa Bosi responde: “quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação” (7). A mesma autora destaca a importância da reversibilidade de práticas e idéias, supostamente sepultadas, como promessa e desafio para os que estão vivos. Aqueles que já passaram deixaram realizações e projetos em curso, à espera de que alguém se interesse em completar o “desenho de suas vidas”. Riquezas como essas podem “reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas” (8).

Múltiplas possibilidades se formam, assim, resultantes de um convívio em que há encontro de medidas e andamentos de tempo que são diversos e conflitantes entre si, com gerações que, coetâneas, podem até estar próximas - como é o caso na universidade aberta- mas cujos

“Em nossa sociedade, não estamos ainda habituados a perceber os idosos como sujeitos e também nem sempre compreendemos a educação fora do chamado período escolar, nos anos da infância e da juventude.”

contornos de vida guardam histórias e experiências de vida bem distintas. Jovens, idosos e adultos ocupam posições diferentes no cenário vivido, o que não os impede de tentar construir um relacionamento pautado em notas igualitárias. É preciso, diz Simone Weil ao seu irmão, que as diferenças não diminuam a amizade e que a amizade não diminua as diferenças "(9).

QUAL O FUNDAMENTO DE UMA EDUCAÇÃO ENVOLVENDO PESSOAS IDOSAS?

Em nossa sociedade, não estamos ainda habituados a perceber os idosos como sujeitos e também nem sempre compreendemos a educação fora do chamado período escolar, nos anos da infância e da juventude.

Georges Lapassade ensina a entender melhor essa atitude. Inicia questionando a idéia que geralmente se admite para a entrada na vida, momento de ingresso dos jovens na vida adulta, capaz de dar um acabamento àquilo que, desde o nascimento, teria permanecido incompleto.

Lapassade argumenta que não só é discutível a separação entre "nascimento biológico" e "nascimentos social" - dado que o ato de nascer é já um nascimento social - como ainda faz um lembrete: ao longo da existência de cada um, ocorrerão outros nascimentos sociais. "O homem autal, diz ele, surge cada vez mais como um ser inacabado. O inacabamento da formação tornou-se necessidade num mundo marcado pela subversão permanente das técnicas, o que implica uma educação do mesmo modo permanente". (10)

Lapassade sustenta que reafirmar o homem como um ser acabado significa ignorar a essência daquilo que o homem representa. "A vontade de acabar com a história, mostra o autor, conduz a novas alienações políticas. A norma do homem acabado,

de adulto, se funda no esquecimento do que o homem verdadeiramente é". (11) E arremata: caso se queira pensar dialeticamente a sociedade, não há como fugir ao inacabamento dos homens. Entende-se assim como a exclusão das pessoas mais velhas do tempo e do mundo, no presente, se assenta na lógica do acabamento.

O expoente dessa lógica parece localizar-se na maturidade adulta, estabelecida como divisor de águas. Não se trata de uma maturidade demarcada estritamente no âmbito psicológico; é uma maturidade socialmente definida, com implicações nada desprezíveis. Como poderia ela, então, ser entendida?

"Aparentemente, explica Marilena Chauí, esta idéia encontra fundamento real e objetivo graças às pesquisas das ciências biológicas e psicológicas. Todavia, se focalizarmos nossa atenção numa outra noção, deixada no silêncio, poderemos desconfiar um pouco da cientificidade e da neutralidade da noção de maturidade. Refiro-me à noção de imaturo". (12)

Entre os sujeitos tidos como imaturos estariam as pessoas mais velhas e as pessoas mais jovens; os últimos, porque ainda não atingiram a condição de maturidade e os primeiros, porque a perderam. Por outras palavras: aceitar o homem acabado é ratificar uma maturidade que bem pode ocultar, dentro de si, uma outra manifestação de violência contra pessoas que já sofrem variadas formas de discriminação social.

Talvez se possa dizer, então, que mesmo a denominada maturidade biológica não se realiza sem a presença da sociedade no interior de seu desdobrar-se. Equivale dizer que não há espaço para o desenvolvimento mecânico, "natural", progressivo-linear de uma

maturidade feita em banho-maria, no fogo brando.

Mais estimulante seria pensar a vida apoiada na arte e na ética, conforme ensina Erich Fromm. Viver, ressalta ele, envolve um trabalho, “o processo de a gente se tornar aquilo que é potencialmente. Na arte de viver, o homem é simultaneamente o artista e o objeto de sua arte”. (13)

Na vida em construção, os homens são os artífices, existe lentidão, há descontinuidade, os ritmos são diversos, o inesperado acontece e sempre uma luta digna está à espera

de uma nossa adesão voluntária e verdadeira. Tanto individual quanto socialmente, a vida dos homens na dialética é sempre totalização em curso, sem jamais ser totalidade acabada; por isso, a entrada na vida não se faz como passagem de um estágio a outro, mas como um enfrentamento que não tem mais ponto final.

Nenhum ser humano se humaniza sozinho. Sempre precisa de outro, aquele que testemunha seu inacabamento. Por isso, humanizar o humano é tarefa que tem um norte, mas que não tem fim.

“As novas possibilidades que se abrem para gerações que participam de um projeto de co-educação implicam assim renovação e conquistas. Isso porque a aquisição de um saber não ocorre como quem passa um anel entre as mãos, mas comporta um trabalho na mente de quem o recebe, ingressando na vida dessa pessoa como conquista.”

NOTAS E REFERÊNCIAS

- (1) SALGADO, Marcelo Antonio. Escola aberta para idosos, uma abordagem sócio-educativa. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, SESC, (1): 19-24, abril de 1977.
- (2) ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sociologie des générations. L’empreinte du temps. Paris: PUF, 1988, p.223
- (3) MANNHEIM, Karl. The problem of generations. In:____. Essays on the Sociology of Knowledge. Transl. P. Kecskemeti. London: Routledge & Kegan Paul, 1972, p.276-322.
- (4) Idem, p.289.
- (5) Ibidem, p.283. Citação feita por Mannheim e traduzida pelo autor de presente texto.
- (6) FORACCHI, Marialice Mencarini. O conflito de gerações. In:____.A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972, p. 19-32.
- (7) BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: Bosi, Alfredo. (Org.) Cultura brasileira. Temas e situações. São Paulo: Ática, 1987, p.16.
- (8) BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. 3a. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.75.
- (9) Citação feita por Ecléa Bosi em Simone Weil, a razão dos vencidos. 2a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.14.
- (10) LAPASSADE, Georges. L’entrée dans la vie. Essai sur l’inachèvement de l’homme. Paris: Minuit, 1963, p.11. Tradução feita pelo autor do presente texto.
- (11) CHAUÍ, Marilena. Ideologia e educação. Educação e sociedade. São Paulo, Cortez, (5), 24-41, 1980.
- (12) idem.
- (13) FROMM, Erich. Análise do homem. 6ª edição. Trad. de O. A. Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 26.



EDUCAÇÃO CONTINUADA E FACULDADE DA TERCEIRA IDADE

ELIZABETH MORAES LIBERATO
MESTRE EM SERVIÇO SOCIAL/UNIVAP/SJC/SP

“É através da educação
que aumentam as possibilidades individuais
e da comunidade de atingir níveis mais amplos
de consciência crítica
para o exercício da plena cidadania.”

A perspectiva da Educação Continuada para as pessoas acima de 45 anos, concretizada através das propostas da Faculdade da Terceira Idade constitui-se num espaço de valorização pessoal, convivência grupal e fortalecimento da participação social.

FALANDO DE EDUCAÇÃO

A educação é fundamental para que o indivíduo, além de adquirir conhecimentos, cultura, princípios e normas de ação, desempenhe seu papel na família e na sociedade, reconhecendo-se com cidadão consciente de suas responsabilidades e direitos.

A educação inicia-se na família e continua na escola. Não pode, contudo, ser entendida enquanto processo que represente transpor etapas, que decorra da passagem dos níveis do 1o. e 2o. graus e, posteriormente, o ingresso na universidade.

A educação como processo formal não termina quando a profissão está definida e o indivíduo inserido no campo profissional. Mesmo no caso de grande parcela da população que, não tendo acesso aos cursos de graduação, interrompe seus estudos sem concluir o básico ou tendo buscado cursos profissionalizantes.

A possibilidade de cursar uma faculdade é restrita àqueles que podem custear o ensino caro. Se a escola é pública, ela é ainda mais seletiva, visto que seleciona os mais aptos, que tiveram condições econômicas para frequentar cursinhos preparatórios e estão melhor capacitados para a competição do vestibular.

E como ficam as pessoas que afastadas da escola por motivos vários sentem que todo um conhecimento lhes é negado pela própria sociedade?

As pessoas podem atualizar-se de diferentes formas, através de jornais, TV etc., mas os meios de comunicação informam, não formam.

Poucos, nas condições atuais de vida, são os que têm incentivo natural ou possibilidades para leitura, estudo ou aprofundamento de um assunto de maior interesse, de forma autodidata.

No Brasil, os recursos da educação privilegiam os projetos que se voltam para a criança e o adolescente, além do adulto jovem. No entanto, o saber, o conhecimento são infinitos, não se consegue absorvê-los inteiramente, tantas são as áreas a serem exploradas, as quais, a cada dia, geram mais conhecimentos.

Esse contínuo aprendizado deve constituir-se num ato de inclusão que acontece na relação de um com o outro, inserido em plena atividade do mundo.

O homem, ainda pequeno, sente o impulso para a exploração do mundo, para a busca do novo, para a descoberta das coisas.

Este elemento dinâmico está presente na criança, no jovem, no adulto, no idoso, nas diversas etapas da vida.

Em nossas sociedades as mudanças ocorrem num ritmo que parece fugir ao controle, seja no campo das ciências, dos costumes, no cotidiano, na área política, nos meios de comunicação.

Como pensar o acompanhamento desse desenvolvimento do mundo e, em conseqüência, da vida do homem em todas as suas fases, de forma que a construção da cidadania se processe no ritmo do tempo, frente às solicitações que não são as mesmas de décadas atrás?

A prioridade do governo está voltada para a criança e o adolescente. Acreditamos, entretanto, que a realidade brasileira somente se alterará quando os governantes considerarem a educação como prioridade absoluta.

Quais as perspectivas que se apresentarão para os investimentos em todas as faixas etárias, de forma abrangente, incluindo a criança, o adulto e o idoso, de forma a dar condições ao indivíduo de acompanhar e refletir as mudanças políticas, econômicas,

biológicas e sociais?

Segundo Vieira Pinto, “a educação é um processo exponencial, isto é, multiplica-se por si mesma com sua própria realização. Quanto mais educado, mais necessita o homem educar-se e, portanto, exige mais educação. Como esta não está jamais acabada, uma vez adquirido o conhecimento existente (educação transmissiva), ingressa-se na fase criadora do saber (educação inventiva)”. (Vieira Pinto, 1993:33).

Afirma-se com certa ênfase que as pessoas mais idosas são portadoras do saber somado à experiência de vida. Mas se não existem formas de atualização ou de reposição da defasagem em sua formação dentro das possibilidades que a sociedade oferece, o indivíduo pode atingir a idade madura com expectativas não realizadas e condições reduzidas de participar do acesso às áreas do conhecimento que cresce dia-a-dia.

Pensando ainda a educação, não como comunicação do saber formal, científico, Vieira Pinto salienta que “esta comunicação é indispensável, e o que se intenta por meio dela é a mudança da condição humana do indivíduo que adquire o saber. Por isso, a educação é substantiva, altera o ser do homem. A não ser assim, seria apenas adjetiva, mero ornamento da inteligência. O homem que adquire o saber passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Torna-se, deste modo, um elemento transformador do seu mundo. Esta é a finalidade essencial da educação”. (Vieira Pinto, 1993:49).

Além disso, é através da educação que aumentam as possibilidades individuais e da comunidade de atingir níveis mais amplos de consciência crítica para o exercício da plena cidadania.

A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

CONTINUADA

Segundo ainda Vieira Pinto, as características principais do ensino para adultos devem voltar-se para despertar a consciência para a realidade de seu mundo, enfatizando sobretudo a importância de sua participação na sociedade, dentro de uma visão mais clara de seus direitos e deveres como cidadão.

A educação chamada “permanente” é aquela que se processa no decorrer da vida toda, escolarizada ou não, e é um direito garantido pela própria Constituição.

Na mesma linha, a proposta de educação “continuada” volta-se para a democratização do conjunto do sistema educativo, possibilitando às pessoas em qualquer faixa etária o acesso a esse sistema, através da expansão da oferta de oportunidades educacionais ou não formais.

A educação continuada especificamente voltada para adultos requer considerar o comportamento emocional dessa faixa etária, suas motivações, interesses e possibilidades.

O professor deve desempenhar o papel de orientador do processo, não necessariamente como alguém que tem a solução pronta para todos os assuntos, dando condições ao aluno de pensar e julgar.

O método deve privilegiar o aluno como sujeito de seu próprio aprendizado, dentro de uma relação participativa entre professor-aluno, trabalhando-se as capacidades e aptidões.

Os conteúdos devem estar ligados às vivências acumuladas e aos interesses manifestos, calcados na motivação e levando em consideração a história de vida e o contexto social dos alunos.

Uma das experiências que vêm sendo desenvolvidas em nosso país, em termos de Educação Continuada voltada à população adulta e idosa é

“A educação é fundamental para que o indivíduo, além de adquirir conhecimentos, cultura, princípios e normas de ação, desempenhe seu papel na família e na sociedade, reconhecendo-se com cidadão consciente de suas responsabilidades e direitos.”

a Faculdade da Terceira Idade.

PROPOSTA DA FACULDADE DA TERCEIRA IDADE

A primeira iniciativa nesta área foi a Universidade da Terceira Idade, criada em 1973, pelo Prof. Pierre Vellas, em Toulouse, França. Nesse mesmo país outras experiências foram realizadas como a chamada “Universidade para Todos” de Dijon, em 1976, e a de Fontenay-aux-Roses, em 1978. A idéia foi bem aceita e imitada em outros países, conforme a cronologia a seguir.

1975: é inaugurada, na Polônia, a Universidade da Terceira Idade de Varsóvia, com mais de 500 alunos.

1976: inicia-se em Osaka, a primeira Universidade deste gênero, expandindo-se para outras cidades do Japão, sob o patrocínio do Instituto Japonês de Investigação Gerontológica.

1977: na Austria, nas Universidades de Viena, Gratz e Salsburg cursos para idosos são organizados pela Associação Austríaca de Cursos Universitários para Idosos.

1979: é criada na Inglaterra a Universidade de Londres. Em Israel, as de Bar-Ilan e Tel-Aviv, além dos cursos para idosos na Hebran University de Jerusalém. Neste mesmo ano, na ex-União Soviética inauguram-se as Universidades de Saúde e de Longevidade. Também em 1979, na Alemanha, com o patrocínio do Ministério Federal de Educação e Cultura, foi criado um curso especial para aposentados na Universidade de Hamburgo. A Universidade Livre de Berlim iniciou o curso “Voluntários em Investigação Gerontológica”, com o objetivo de aproveitar a experiência dos idosos em pesquisa sobre saúde.

Finalmente, em 1987, foi a vez da Suíça, com a Universidade para Idosos, de Genebra e de Zurick.

Nos Estados Unidos existem di-

versas Universidades, entre as quais a de Mariland que promove cerca de 23 cursos anuais, no período de verão.

Outros exemplos se seguiram, em outros países, para atender pessoas com pouca instrução formal, como foi o caso da Alemanha e Japão, onde os governos incluíram idosos em programas educativos, através de reuniões de discussão que abordavam assuntos de interesse comum, orientados por “animadores”, ingressando posteriormente em cursos para “treinamento em problemas do envelhecimento” e para atuarem na comunidade.

No Brasil, as primeiras iniciativas surgiram no SESC/SP, em 1977, na cidade de Campinas, com a criação da “Escola Aberta da Terceira Idade”, uma adaptação da Universidade Aberta da Terceira Idade existente na França. A partir de então, projetos baseados em moldes das escolas européias foram implantados em diversas universidades brasileiras públicas e privadas.

Em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina fundou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade-NETI para assessorar entidades na organização de programas para idosos, para ampliar o conhecimento da questão social da velhice e manter cursos para formação de técnicos na área gerontológica. O curso “Monitores da Ação Gerontológica”, que prepara idosos para a ação junto à comunidade, foi fundado em 1990.

Ainda na década de 80, criaram-se as Faculdades da Terceira Idade de Santa Maria e de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. E em 1988, a Universidade Estadual do Ceará e do Rio Grande do Norte iniciaram o projeto para a implantação da Universidade sem Fronteiras.

Em 1990 começaram, em Campinas, as atividades da Universidade da Terceira Idade, na Pontifícia Universidade Católica-PUC, com programação

de conferências, palestras, aulas práticas, grupos de estudos etc.

Em 1991 a Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, passou a desenvolver o trabalho com a terceira idade e foi inaugurada na UNISANTOS/SP a Universidade Aberta para a Terceira idade.

Em agosto desse mesmo ano, na Universidade do Vale do Paraíba-UNIVAP, em São José dos Campos, SP, teve início o projeto da Faculdade da Terceira Idade. Para sua implantação foi realizado em junho de 1991 o “Encontro Nacional das Universidades da Terceira Idade”, promoção da UNIVAP e SESC de São José dos Campos, destinado aos profissionais da área e público em geral. Nessa oportunidade estiveram reunidas as sete universidades da terceira idade instaladas até então, para troca de experiências.

A partir daí, a Faculdade da Terceira Idade da UNIVAP deu início a suas atividades com um programa baseado em módulos de conhecimento, de expressão sensível e associativismo.

As faculdades para a terceira idade, no Brasil, expandiram-se rapidamente e, atualmente, chegam a mais de 50 escolas em funcionamento. Apesar da diversidade de nomenclatura, dependendo da cidade, região ou estado em que estão implantados, esses projetos estão todos voltados

para a população idosa, isto é, atendem a pessoas geralmente acima dos 45 anos, no sentido de permitir-lhes ou facilitar-lhes o acesso à Educação Continuada e à Universidade, através de atividades educativas, sócio-culturais e organizativas.

O que está presente é o sentido de valorização da experiência de vida dos alunos, favorecendo condições de convivência social e formação de novos grupos e associações, fortalecendo a participação social e valorizando sua contribuição à comunidade e a construção da cidadania.

“A educação chamada “permanente” é aquela que se processa no decorrer da vida toda, escolarizada ou não, e é um direito garantido pela própria Constituição.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Revistas

SILVA, José Anísio - Acreditando na velhice: novos caminhos. In Rev. Serviço Social e Sociedade, no. 37 - Cortez SP, 1991.

GIUBILEI, Sonia. “Uma pedagogia para o idoso” In: Rev. A Terceira Idade nº 5 - SESC/SP 1993.

Apostila

QUEIROZ, José Ramos de. A Universidade e a formação de recursos humanos nos diversos setores da área gerontológica. I Fórum dos Coordenadores das Ações e Educação na Terceira Idade. Florianópolis, 1991

Textos

FONSECA, F. Lady Margarita. Educación y formación continuada: referencias del trabajo social. Cap. In: Puntualizaciones Teóricas. Univ. Central de Venezuela, Caracas, 1984.

VIEIRA, Alvaro Pinto. Sete Ligações Sobre Educação de Adultos. Cap.: Conceito de Educação. Cortez, SP, 1993.

TERCEIRA IDADE PROGRAMA INTEGRADO

ELIANA BARBOSA GONÇALVES RIVA
BIBLIOTECÁRIA/SENAI E SINDIGRAF - SÃO PAULO

Trabalho realizado quando a autora era funcionária
da Biblioteca Municipal Infanto-Juvenil "Lenyra Fraccaroli".

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende ser um relatório das atividades desenvolvidas dentro de um projeto integrado da SMC - Secretaria Municipal de Cultura, SEME - Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação e SMS - Secretaria Municipal de Saúde, envolvendo uma equipe multidisciplinar, no período de 1991 a 1993, com o grupo da terceira idade "Alegria de Viver", da Vila Nova Manchester.

O trabalho está sendo desenvolvido na Biblioteca Municipal Infanto-Juvenil "Lenyra Fraccaroli". Esta biblioteca está situada em um complexo das unidades da Prefeitura Municipal de São Paulo, abrangendo as secretarias acima citadas. Essa proximidade colaborou para que os profissionais desses três órgãos desse suporte técnico ao projeto.

O programa é destinado à melhoria das condições sociais, culturais, recreativas, esportivas e outras necessidades vivenciais do idoso, procurando melhor qualidade de vida.

2. BREVE HISTÓRICO

O início do grupo deu-se na UBS - Unidade Básica de Saúde de Vila Manchester, por iniciativa da SMS - Secretaria Municipal de Saúde, devido às características da população que procurava os serviços do Posto de Saúde.

Observou-se grande número de pessoas de faixa etária acima de 50 anos, conforme triagem de adultos nos meses de agosto, setembro e outubro de 1990, realizada pelo setor de psiquiatria do Posto de Saúde.

Grande maioria desses pacientes idosos apresentavam distúrbios afetivos nitidamente relacionados com a situação de sua vida atual: solidão, condições econômicas precárias, do-

enças senis.

O trabalho, inicialmente, se preocupou em atender, através da psicoterapia de apoio e ações que estimulassem a convivência grupal, casos de saúde mental. Coube ao Serviço Social da UBS essa iniciativa que contou também com os recursos da comunidade.

Ampliou-se, em seguida, o atendimento através da participação de maior número de profissionais ligados à área: psiquiatra, assistente social, educadora em saúde pública e fonoaudióloga.

As primeiras atividades do grupo foram realizadas no auditório da Biblioteca, em janeiro de 1991. Em setembro do mesmo ano houve a integração com as demais Secretarias, envolvendo os profissionais dessas instituições.

3. JUSTIFICATIVA

"Os velhos estão em toda parte. O país é dos moços, a juventude é que forma a maioria do país, mas os velhos estão aqui diante de nós. Por vezes, eu reparo nos velhos. Deveria reparar sempre, a todo momento, mas somente presto atenção neles às vezes, em determinadas ocasiões. Por exemplo, quando um deles, com o andar vagaroso e incerto, tenta atravessar uma rua com grande fluxo de veículos. Como padecem os velhos! Quanta insegurança, quanta incerteza, quanto receio de não chegar ao outro lado da rua!" (Lourenço Diaféria em "Os velhos estão nascendo" - Jornal da Tarde).

Todos sabemos que o Brasil é um país de jovens e por isso todas as atenções são voltadas para a problemática dessa faixa etária, por ser mais evidente. Mas mesmo assim, num país de jovens, as pessoas envelhecem.

De acordo com estudo do SEADE

- Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, as pessoas com mais de 60 anos vão representar 15% da população brasileira, no início do século XXI. Tanto que, segundo especialistas, o país terá a sexta maior população idosa do planeta, até o ano 2025. "Planeta dos Idosos é o desafio do século 21"- artigo publicado no jornal "O Estado de São Paulo" de 25.04.93.

Uma série de fatores tem contribuído para isso: as melhorias nas condições de saúde pública, a queda da mortalidade infantil, os avanços da medicina, a melhoria ainda que pequena das condições de saneamento básico, a queda da taxa de natalidade.

Todos esses fatores favorecem o aumento da expectativa média de vida da população. E com o aumento dessa expectativa faz-se necessário ampliar os horizontes das pessoas que atingem a terceira idade, pois é uma faixa etária que tem em comum grande experiência de vida e grande disposição de se abrir cada vez mais para novas vivências. Fica clara a importância de se acrescentar vida aos anos e não anos à vida, ou seja, envelhecer e viver bem os anos que restam.

"A vida é o valor, sempre.
Viver é envelhecer.
Trabalhar o envelhecimento é um ato de amor, é uma celebração da vida".

A velhice é sobretudo um fenômeno social e a biblioteca pode estar atuando como uma força social viva. Ela deve estar sempre a serviço da comunidade, contribuindo para a solução de problemas sociais. Respondendo aos anseios da comunidade, ela se tornará útil e necessária.

Concluindo, segundo Luiz Milanesi, (pg.11), "...no entanto, a biblioteca pública, no rigor de sua denominação, deve estar aberta a todos os públicos de determinada coletividade. Se ela se

fixar em um, particularizará o atendimento, especializando-se nele. Se, ao contrário, voltar-se para a coletividade como um todo, uma série de problemas ocorrerá... Mas ao seu lado existem vários segmentos da população que, mesmo não utilizando a biblioteca, não deixam de ser um público em potencial... Há um destaque: uma parcela significativa do público é analfabeta ou quase. A biblioteca como centro de informação não pode marginalizar mais ainda esse público: é preciso criar serviços que sejam respostas ao que ele desejaria ou poderia desejar..."

4. O PAPEL DA BIBLIOTECA FRENTE AO GRUPO DE IDOSOS

De que forma a biblioteca pode atender ao grupo da terceira idade de sua comunidade?

A Biblioteca Municipal Infanto-Juvenil "Lenyra Fraccaroli" faz parte de uma rede de 36 unidades do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura, destinada ao público infanto-juvenil, procurando levar, além do estímulo à leitura, todo tipo de informação que possa ser útil à sua comunidade.

As bibliotecas infanto-juvenis do município de São Paulo têm como objetivo desenvolver programas e ações culturais voltadas prioritariamente para a infância e a juventude, mas não podemos ficar alheios à demanda de nossa comunidade que abrange também os idosos.

Luiz Milanesi afirma que "a biblioteca pública, no rigor de sua denominação, deve estar aberta a todos os públicos de determinada coletividade". Por que não atender esse grupo de terceira idade? Passar a conhecer as necessidades e os interesses dos idosos de nossa comunidade se tornou nosso objetivo.

A participação efetiva da biblioteca deu-se em setembro de 1991,

"A velhice é sobretudo um fenômeno social e a biblioteca pode estar atuando como uma força social viva. Ela deve estar sempre a serviço da comunidade, contribuindo para a solução de problemas sociais."

quando começamos a participar dos encontros com o grupo e profissionais da SMC e SEME, elaborando programas gerontológicos de âmbito geral e programas culturais.

Os profissionais da SMC e SMS envolvidos no programa com os idosos foram participar do I Curso Básico de Gerontologia, de abril a novembro de 1992, no anfiteatro do Hospital de Servidor Público Municipal-HSPM de São Paulo, para terem uma noção mais exata da problemática da população idosa.

5. OBJETIVO GERAL

Estabelecemos objetivos comuns para todos os integrantes da equipe técnica:

- promover eventos que introduzam a cultura no cotidiano do grupo, estimulando a capacidade criativa.

- promover atividades culturais que permitam a reflexão, a identidade cultural da comunidade, bem como o reconhecimento de suas potencialidades.

- desenvolver a convivência social e a solidariedade, incentivando o exercício da cidadania, através de maior participação.

- preencher as expectativas relacionais, permitindo um encontro com o outro.

- diminuir a morbidade de doenças físicas e psíquicas decorrentes do desconhecimento do processo saúde-doença, da situação de solidão e inatividade e da situação de penúria sócio-econômica.

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada corresponde às vivências com o corpo e temáticas culturais:

- desenvolvimento da sensibilidade através de trabalho corporal (ginástica, relaxamento).

- eventos recreativos, sociais e

culturais.

- dinâmica de grupo - discussão de temas específicos sobre saúde, relações sociais e afetivas da terceira idade, com grupos temáticos de reflexão.

- integração com grupos de crianças, adolescentes e adultos através de programações da biblioteca ou comunidade.

O grupo da terceira idade começou suas atividades na biblioteca. O grupo cresceu e o espaço tornou-se pequeno para as atividades. O Centro Educacional "Vicente Ítalo Feola" da SEME, equipamento público que fica ao lado da biblioteca, cedeu um espaço ainda que precário para as atividades do grupo. Os encontros culturais e sociais continuam na biblioteca.

7. PÚBLICO-ALVO E SUA CARACTERIZAÇÃO

Com a finalidade de se traçar o perfil da clientela de idosos, foi utilizado o cadastro em fichas para permitir o conhecimento das características desse segmento de freqüentadores. Até o mês de julho de 1993 foram matriculados 186 idosos no grupo.

A partir desses resultados constatou-se que cerca de 80% dessa clientela era do sexo feminino.

A faixa de idade variava entre 48 e 84 anos. O número maior de homens se situava nas faixas de 56 a 70 anos, enquanto que entre as mulheres predominava as faixas entre 61 a 70 anos, "A letra foi composta pelo sr. Pedro Figueiredo Silva, 85 anos, um dos primeiros freqüentadores do grupo.

- inserção de danças do folclore brasileiro como quadrilha, forró e outras. O grupo já tem sua quadrilha e, por ocasião de sua apresentação, vestem-se a caráter, fazem a dramatização do casamento caipira, o que representa grande momento de descontração para todos.



60 e 70 anos. Quanto ao estado civil, a maioria era viúva.

Quanto ao nível de instrução, predominava o 1o. grau incompleto. Cerca de 50% sabiam ler e escrever, 40% haviam concluído o primeiro grau e 10% eram analfabetos.

Outro fator que não ocorre entre a maioria dos idosos cadastrados é o exercício de função remunerada, já que estão naquelas faixas de idade em que normalmente acontece a aposentadoria.

Finalmente, o rendimento fica entre 1 e 3 salários mínimos tanto entre os homens como entre as mulheres.

8. ATIVIDADES REALIZADAS

8.1 Culturais

- participação no projeto “Resgate da memória através do conto oral”, junto às crianças da sala de leitura da biblioteca. Esse projeto

surgiu devido à participação espontânea do grupo da terceira idade em atividades desenvolvidas na biblioteca, em comemoração ao “Dia da Criança”, quando fizeram relatos de suas vivências, tendo despertado grande interesse por parte das crianças.

O objetivo geral do projeto era resgatar, através do conto oral, experiências de vida, localizando seu espaço passado através das cantigas de roda, brincadeiras de rua, contos populares e poesias que permitissem aos participantes o reconhecimento de sua identidade cultural, bem como a promoção de suas possibilidades expressivas.

- formação de um coral para apresentações em datas comemorativas e em eventos da biblioteca e comunidade.

- elaboração da letra do hino do grupo da terceira idade “Alegria de Viver”, adaptando-a à música “Mar

- participação na I Feira Mística do Centro Educacional (SEME), com barracas de chás naturais e ervas medicinais. Durante a feira foram distribuídas filipetas com informações e curiosidades sobre os chás, como resultado de pesquisas feitas na biblioteca sobre as ervas medicinais. O objetivo dessa participação era abrir um canal de comunicação participativa entre o idoso e o adulto, frequentador da feira.

- I Exposição de Fotos e Objetos Antigos, organizada e montada com a participação dos idosos. Mas o que chamou mais a atenção foram os dizeres carregados de sentimentos que acompanhavam as fotos, tais como estes: "foto tirada no dia 11 de junho de 1936, onde os pombinhos Pedro F. Silva e Elvira Figueiredo gozavam sua lua de mel... Observem os trajes clássicos da época: calça charleston e a famosa gravata charleston... É época em que se cantava: ele é bonitinho, usa bigodinho, paletó curtinho e calça charleston... Saudades daqueles tempos... Juventude, tchau, tchau!..."

- discussão e dramatização de temas através de técnicas que despertassem o grupo para a convivência e socialização. Grande interesse despertou a técnica do "cabide de imaginação", na abordagem dos seguintes temas: "Conflito familiar", "Estou na terceira idade, como me sinto, como me vejo", "Estou na terceira idade, como os outros me vêem" e "O que é necessário para viver em grupo". Para dramatizar cada um desses temas, os participantes se dirigiam a um cabide onde estavam dependurados vários adereços para se caracterizarem. E haja imaginação e criatividade!

- projeção de filmes em vídeo, com reflexão posterior sobre o enredo do filme

- oficinas de trabalhos manuais e artesanais

- passeio ao Teatro Municipal para assistir a apresentação do Quarteto de

Cordas da cidade de São Paulo. A maioria nunca tinha entrado em um teatro e todos ficaram deslumbrados com a beleza dessa casa de espetáculos.

- palestras sobre os mais variados assuntos: saúde, cultura, família, problemas específicos da velhice, cidadania etc.

8.2 - Sociais

- organização de eventos com o apoio da SMC, SMS e SEME, em datas comemorativas: natal, carnaval, páscoa, dia das mães, dia da avó, dia dos pais, festa da primavera, aniversários, chá da amizade, festa junina.

8.3 - Participativas

- eleição do Grande Conselho do Idoso (em nível regional e geral)

- debate e aula pública sobre o idoso promovidos pela SMC, no projeto "Pátria Amada Esquartejada", na Lapa.

- comemoração dos 35 anos da Biblioteca Infanto-Juvenil de Vila Nova Manchester que passou a se chamar "Biblioteca Infanto-Juvenil "Lenyra Fraccaroli", pelo decreto no. 29.546, de 27.02.91. Na ocasião, o grupo apresentou números de coral, poesias, serestas, um verdadeiro sarau lítero-musical.

8.4 - Recreativas

- passeios programados

- shows com duplas sertanejas e chorinhos

- filmes em telão com tema escolhido pelo grupo

- bailes, gincanas e bingos.

8.5 - Saúde

- discussão e debate sobre aspectos de saúde do bairro, reivindicações junto a representantes do Conselho Gestor do Distrito de Saúde.

- orientação, discussão e distribuição de folhetos educativos sobre saúde da mulher, diabetes, hipertensão, cólera e leptospirose.

- ginástica, relaxamento e caminhadas.

- acompanhamento clínico da saúde mental na UBS de Vila Manchester, onde os agendamentos da consulta são feitos no próprio local de reunião do grupo, evitando que os idosos fiquem na fila no posto de saúde.

9 - INTEGRAÇÃO CRIANÇA E IDOSO

O teatro foi o instrumento que se achou para se tentar essa integração. Surgiu, então, o grupo teatral intitulado “Os Contos de Fada”. A atividade foi motivada pelo fato de os idosos utilizarem o mesmo espaço frequentado pelas crianças, ou seja, uma biblioteca infanto-juvenil.

Verificando-se o grande potencial vivencial do grupo “Alegria de Viver”, pensou-se em aproveitar essa proximidade para estabelecer momentos de trocas entre as duas gerações, retomando um diálogo tão prejudicado atualmente.

A proposta foi bem aceita pelo grupo. Difícil, porém, foi a tarefa de escolher os personagens, pois os idosos, com razão, se sentiram incapazes de desempenhar os papéis que representariam nas histórias a serem encenadas:

Chapeuzinho Vermelho, Chapeuzinho Amarelo, Branca de Neve os 7 Anões, João e Maria e Os Três Porquinhos.

Convencidos de que se tratava de uma brincadeira para divertir as crianças, gostaram da idéia e começaram a ensaiar, a confeccionar os trajes e providenciar tudo que era necessário para as apresentações.

Aestréia foi só para os familiares. Os elogios, reconhecimentos e entusiasmo desse público restrito fizeram o grupo se sentir à vontade no palco. Mais confiantes e desembaraçados, já estavam preparados para se apresen-

tarem para as crianças. Com grande sucesso fizeram cinco apresentações para um total de 970 crianças.

As falhas sob o ponto de vista técnico, tais como expressão teatral, linguagem, postura etc. não foram obstáculos para que os objetivos propostos fossem atingidos de maneira satisfatória. Assim, em termos de comunicação afetiva, doação pessoal, não se pode discutir o valor da iniciativa. Tanto crianças como idosos foram envolvidos pelo clima e pela emoção do espetáculo.

Alguns depoimentos refletem bem o que representou para alguns idosos essa experiência inédita em suas vidas:

“Nunca tinha subido em um palco, porque tinha vergonha... foi a coisa mais gostosa...a gente vê as crianças com alegria, é uma satisfação para nós que somos da terceira idade, que podemos fazer alguma coisa boa para elas. Muito obrigada por me fazer feliz”. (D. Odete).

“Fiquei muito emocionado, pois com 69 anos de idade consegui fazer muitas crianças sorrir... obrigado por ter sido convidado!” (Sr. Mário).

“Quando subia no palco, esquecia que tinha problemas, me sentia a pessoa mais feliz do mundo... gostaria de continuar, porque fui muito feliz no palco”. (D. Isabel).

“Nunca declamei, nem quando era criança... hoje, fiz as crianças vibrarem com a bruxa malvada!... foi muito gratificante”. (D. Maria do Carmo)

“Meu sonho era ser bailarina. Quando fui convidada para fazer a Branca de Neve, pensei: será que agora vou realizar meu sonho adormecido, tão distante?... Subi no palco, dancei, chorei de emoção... Meu sonho tinha se realizado... Com lágrimas nos olhos vi as crianças me aplaudindo... ”(D. Madalena).

“As bibliotecas infanto-juvenis do município de São Paulo têm como objetivo desenvolver programas e ações culturais voltadas prioritariamente para a infância e a juventude, mas não podemos ficar alheios à demanda de nossa comunidade que abrange também os idosos.”

10 - CONCLUSÃO

Essa experiência do programa integrado da SMC, SMS e SEME com o grupo “Alegria de Viver” vem demonstrar que a biblioteca, assim como qualquer outro espaço, pode se constituir em um equipamento útil para o trabalho com os mais diferentes grupos de pessoas, não importando a faixa etária, o nível cultural ou a situação econômica. Desde que haja colaboração das partes envolvidas, como foi o caso das três secretarias municipais, consegue-se tirar água das pedras.

As atividades desenvolvidas foram fundamentais para o processo de convivência e participação social das pessoas idosas que se sentem satisfeitas, úteis, participativas, responsáveis por si mesmas e capacitadas a descobrir o potencial de criatividade que até então desconheciam.

Além disso, o acesso à informação amplia seu universo, de tal maneira que a vida passa a ter sentido para elas, a partir de novas relações.

Num país em crise, desenvolver um trabalho na área cultural é interferir nas outras esferas da vida social.

Concluimos com Milanesi: ...”o bibliotecário organiza seu acervo/loja e espera os usuários/fregueses inexistentes. Então, abre-se novo capítulo que exige do profissional o difícil trabalho que é a criação da demanda informacional. O que tem

ocorrido é a diminuição do papel de bibliotecários unicamente organizadores de acervos, quando o meio pede uma atuação mais forte... Nesse sentido, vale menos num espaço de informação/ação cultural um indivíduo que saiba catalogar/classificar e mais aquele que atua na intermediação do conhecimento com a realidade em que vive”.

TÉCNICOS QUE PARTICIPARAM DESTE PROJETO

Maria Cecília T. Sanches (SMS) Assistente Social

Vera Lúcia Mariano da Silva (SMS) Educadora em Saúde Pública

Fátima S. Kobashigawa (SMS) Fisioterapeuta

Heloísa Bertoli (SMS) Terapeuta Ocupacional

Dr. Ney Ferreira Costa (SMS) Clínico Geral

João Batista dos Santos Filho (SEME) Professor de Educação Física

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BEAUVOIR, Simone. A velhice, a realidade incômoda. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1976.

2, _____, A velhice: as relações com o mundo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1976.

3. BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. Direção: Alfredo Bosi, 2a. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

4. FOLGATO, Marisa. País dos jovens envelhece rapidamente. O Estado de São Paulo, São Paulo, 30/05/1993. Caderno Cidades, p.1.

5. MILANESI, Luiz. Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1989.

6. _____, A casa da invenção. São Paulo. Siciliano, 1991.

7. PAPALÉO NETTO, Matheus. "Planeta dos idosos é o desafio do século 21". Folha de São Paulo, São Paulo, 25/4/1993. Caderno 6. Mais!, p.4.

8. QUEIROZ, Zally P. V. O idoso, a criança e a transmissão da memória sócio-cultural. São Paulo: SESC.

9. REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico Municipal, 1992.

10. SALGADO, Marcelo. A Velhice, uma nova questão social, São Paulo: SESC 1990.

11. SILVA, Maria Betty Coelho. Contar Histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1986.

LAZER, ESTILO DE VIDA E LONGEVIDADE

KATIA BRANDÃO CAVALCANTI

PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E PESQUISADORA/UFRN

“Programas de longevidade
e saúde ótima têm mostrado resultados extraordinários.
A longevidade depende dos mesmos fatores
que conduzem a uma saúde ótima.”

A investigação sobre o fenômeno da longevidade focaliza o potencial biológico e psicossocial da espécie humana, para conseguir prolongar a expectativa de vida em ótimo estado de saúde (PELLETIER, 1986). É muito mais fácil captar o conteúdo e os detalhes da investigação sobre a longevidade sem considerar seu grau de complexidade, do que procurar analisar os resultados psicológicos, o contexto dessa investigação e seu impacto posterior. O contexto é um elemento crítico e bastante sutil em todos os sistemas de investigação: "sem contexto não há significado". (BATESON, 1987).

Para KENNETH PELLETIER a maioria dos estudos e aplicações clínicas de longevidade têm considerado superficialmente seu contexto mais amplo, centrando-se estritamente no nível da realidade bioquímica. Embora isto seja inquestionavelmente produtivo, constata-se certa cegueira ante a realidade concreta e as conseqüências éticas e filosóficas.

Cada vez mais se torna claro que um enfoque integral não só é possível como é também mais eficaz quanto ao aspecto sócio-econômico. Programas de longevidade e saúde ótima têm mostrado resultados extraordinários. A longevidade depende dos mesmos fatores que conduzem a uma saúde ótima. (PELLETIER, 1986).

Diversos estudos têm demonstrado que a longevidade depende de uma combinação de fatores. Entretanto, ressalta-se que as variáveis psicossociais prognosticam a longevidade com maior precisão que as variáveis biológicas.

Estudos realizados nos últimos anos têm revelado que as influências genéticas e biológicas sobre a longevidade dependem em alto grau da presença ou ausência de influências

específicas de estilos de vida. (PELLETIER, 1986).

Já na década de 30, JOHN DEWEY, em seu clássico livro, *Problems of Aging*, mostrava sua preocupação com os contextos econômicos, políticos e culturais para análise dos processos biológicos: "necessitamos conhecer as formas em que os contextos sociais influenciam os processos biológicos, assim como também conhecer os meios com os quais estes condicionam a vida social".

Apesar do reconhecimento desta relação, os pesquisadores em distintas áreas de especialização continuam adotando modelos reducionistas, procurando estudar determinadas variáveis isoladamente, em vez de considerá-las como um conjunto de interrelações. A investigação sobre as influências psicológicas em processos biológicos implícitos na longevidade requer uma abordagem de totalidade.

As variáveis psicossociais e as práticas de estilo de vida estabelecidas na adolescência são fatores singulares de previsão mais significativos sobre a saúde na idade adulta e sobre a longevidade. Os fatores psicossociais têm uma influência tão forte que, na realidade, superpõem-se aos determinantes genéticos e biológicos. A saúde e a longevidade que se observam nos últimos anos são determinadas principalmente por fatores internos e externos que atuam ao longo da vida do indivíduo. O potencial de longevidade depende, portanto, de todo o processo de desenvolvimento, não sendo assim um epifenômeno que ocorra ao acaso ou inexplicavelmente ao final da vida. (PELLETIER, 1986).

Apesar da sofisticação das investigações genéticas, bioquímicas e neuroendócrinas, o fator de previsão singular mais preciso sobre a longevidade continua sendo o estilo de vida. As pesquisas de ERDMAN PALMORE

para desenvolver um Coeficiente de Longevidade procuraram estabelecer as interrelações entre os fatores físicos, mentais e sociais, determinando a influência relativa de cada um deles e como se correlacionavam com a longevidade. Foi, então, possível melhorar a precisão das predições de longevidade que anteriormente era realizada através de cálculos que tomavam por base apenas estatísticas de expectativa de vida. Constatou-se, então, que a manutenção da saúde, a capacidade mental e a satisfação nas atividades sociais eram os fatores mais importantes relacionados com a longevidade.

Estudos posteriores indicaram que os principais fatores de previsão de longevidade podem ser assim hierarquizados: 1) satisfação no trabalho; 2) índice de felicidade; 3) estado físico. Essas descobertas estão de acordo com as práticas de estilo de vida observadas entre as comunidades centenárias. Deve-se destacar que “a produtividade, o equilíbrio psicológico e a satisfação geral ante a vida são fatores essenciais no incremento da expectativa de vida”. (PELLETIER, 1986).

O stress é um fator que determina todos os estados de saúde ótima assim como de doença, contribuindo para que o indivíduo alcance ou não sua expectativa média de vida. As investigações prospectivas sobre o stress são particularmente importantes porque revelam as interações entre os estados psicológicos, a saúde e a longevidade. Com base nisso, os indivíduos podem aprender a adaptar-se mais positivamente ao stress para, no mínimo, alcançar sua expectativa média de vida, uma vez que as práticas de estilos de vida sob forte stress prejudicam a expansão da longevidade e a qualidade de vida.

Nas investigações psicológicas, cada vez mais a pessoa de meia-

-idade parece estar substituindo a rata branca ou o estudante. A meia-idade pode transformar-se num período de autorrealização, no qual as pessoas podem estar mais capacitadas psicologicamente e socialmente para viver a vida de modo plenamente humano, ou se converter num período de crise em que os fatores de ameaça à integridade física, mental e social tornam-se um impedimento ao seu desenvolvimento. Entretanto, o que se constata é uma abundância de mitos e escassez de dados científicos sobre a complexidade do desenvolvimento do adulto.

Os estilos de vida praticados e mantidos ao longo da vida influenciam diretamente o processo de superação da crise da meia-idade. Se o indivíduo tem realizado esforços a partir da juventude para encarar a vida com flexibilidade e tem reconsiderado seus objetivos e seu estilo de vida, então sua adaptação aos anos críticos da meia-idade fortalecerá a saúde ótima e a longevidade. (PELLETIER, 1986).

Todavia, as diferentes disciplinas, psicológicas ou não, tradicionais ou não, ocidentais ou não, têm mostrado que a investigação científica tem subestimado o potencial de crescimento e bem-estar pleno do ser humano. Grande quantidade de novos dados foram surgindo sem que pudessem ser incorporados a quaisquer dos modelos de natureza humana até então existentes.

Procurando responder a tal necessidade, foi sendo elaborada a perspectiva transpessoal de desenvolvimento humano. Esta perspectiva se ocupa com a expansão do campo da investigação psicológica para incluir dimensões do comportamento humano que se relacionam a estados de saúde e bem-estar em nível ótimo. Para isso busca fundamentação tanto na abordagem ocidental como oriental

“A saúde e a longevidade que se observam nos últimos anos são determinadas principalmente por fatores internos e externos que atuam ao longo da vida do indivíduo.”

sobre a realização dos potenciais humanos. (MASLOW e VAUGHAN, 1989).

ABRAHAM MASLOW, um dos precursores da psicologia humanista, ainda na década de 60, já alertava para o surgimento de outra perspectiva psicológica que ia muito além da autorrealização ao transcender os limites habituais de individualidade. Considerava que a Psicologia Humanista da Terceira Força era um movimento transitório, uma preparação para uma Quarta Força, ainda mais elevada, transpessoal, transumana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses humanos, indo além da condição humana, da identidade, da individuação e de coisas semelhantes. (MASLOW, 1968).

A investigação sobre o desenvolvimento humano na perspectiva transpessoal faz surgir questões extremamente complexas. Qual a natureza de algumas etapas superiores da evolução humana? Quais as formas de unidade que se revelam nos estilos de vida dos seres humanos mais evoluídos? Para responder a essas questões é necessário encontrar exemplos de personalidades de ordem verdadeiramente superior e estabelecer o que constitui realmente uma personalidade de ordem superior.

Estudiosos que têm investigado esse problema sugerem que os maiores místicos e sábios do mundo, como BUDA e SÓCRATES, representam algumas etapas mais evoluídas do desenvolvimento humano: BERGSON, TOYNBEE, TOLSTOI, JAMES, SCHOPENHAUER, NIETZSCHE, MASLOW entre outros. (WILBER, 1989).

Desenvolvimento e transcendência são conceitos intimamente relacionados na investigação sobre os estados mais elevados de saúde e bem-estar que o ser humano pode atingir. Para MASLOW, mais além da autorrealização estava a necessidade

de autotranscendência.

Estudando pessoas saudáveis, autorrealizadas, MASLOW descobriu várias características essenciais dos estilos de vida das pessoas metamotivadas para o crescimento transpessoal. Essas pessoas satisfazem suas necessidades básicas adequadamente, tendo assim condições para prosseguir na sua busca de realização pessoal através de necessidades de nível superior. Isto significa que essas pessoas têm boa saúde física; que as questões relativas a segurança pessoal e social estão resolvidas, que amam e são amadas; que são respeitadas pelo seu próprio valor e que estão satisfeitas com os papéis que desempenham na sociedade.

Nos estudos sobre evolução da consciência, KEN WILBER enfatiza que “o desenvolvimento é evolução” e que “a evolução é transcendência”, destacando o pensamento de ERICH JANSTCH que considera “a evolução como autorrealização através da autotranscendência” e tendo a transcendência como meta final a Unidade da Consciência.

O desenvolvimento psicológico do ser humano pode ser comparado a um reflexo microcósmico do crescimento universal em seu conjunto, semelhante às formações geológicas, avançando nível por nível, com cada nível sobrepondo-se ao anterior, de modo que o inclui e o transcende. Nos estudos sobre o desenvolvimento humano, PIAGET, WERNER, LOENVINGER, ARIETE, MASLOW, JACOBSON e KHOLBERG, todos mencionam em sua totalidade ou em parte o conceito de etapas estratificadas de crescente diferenciação, integração e unidade. (WILBER, 1989).

Já se investigou bastante sobre as etapas e níveis inferiores e médios do desenvolvimento humano. Entretanto, a investigação sobre as etapas e níveis superiores que o ser humano

“As pessoas sadias, autorrealizadas,
que atingem um nível ótimo de bem-estar
apresentam um estilo de vida de caráter transpessoal.
São pessoas que no seu desenvolvimento
transcendem seu próprio processo de individuação,
pois buscam harmonizar-se com a natureza,
com os outros, com a sociedade, com o Espírito
e com o Cosmo.”

pode alcançar continua um campo pouco explorado.

Sabendo-se que os autênticos místicos e sábios do planeta representam os perfis de desenvolvimento mais evoluídos da condição humana, e que eles têm deixado informações bastante detalhadas sobre o processo de suas próprias transformações, alguns estudiosos têm-se dedicado a essa problemática, investigando personalidades consideradas extraordinárias.

MASLOW escolheu para suas observações pessoas adultas autorrealizadas que tenham vivido a maior parte de suas vidas com plenitude. De suas pesquisas surgiram muitas questões, mas havia algo de que ele estava convicto: quando se estudam pessoas sadias, fortes, criativas, tem-se uma visão diferente da humanidade.

As pessoas autorrealizadas que buscam o crescimento transpessoal participam, sem exceção, de uma causa exterior a seus próprios interesses, de algo fora de si mesmas. São pessoas que trabalham com devoção, como se fosse uma missão ou vocação, no sentido sacerdotal. Trabalham seguindo uma chamada do destino, amando verdadeiramente o que fazem de modo que a dicotomia trabalho/prazer não existe. (MASLOW, 1971). Observa-se também que as pessoas mais evoluídas estão mais motivadas para colaborar e para servir. (WALSH e VAUGHAN, 1989).

Consciência cósmica, vivência transcendental, experiência mística, iluminação, experiência culminante, são termos utilizados pela perspectiva transpessoal do desenvolvimento humano para identificar momentos transitórios de extremo êxtase, de profunda unidade com o cosmo. Para MASLOW, o termo experiência culminante é uma generalização dos melhores momentos de ser humano, os mais felizes de sua vida, aqueles

que nem sempre é possível descrever com a linguagem de que se dispõe. A natureza transcendental dessas experiências é tão profunda e comovente que pode mudar para sempre o caráter de uma pessoa.

Após vivenciar mais momentos de êxtase, a pessoa percebe que algo de belo, de perfeito aconteceu, que entrou em contato com o divino, que sua consciência foi iluminada. As pesquisas sociológicas indicam que numa determinada população, mais de 1% das pessoas tendem a vivenciar experiências transcendentais (WLSH, ELGIN, VAGHAN e Wilber, 1989). Vários estudiosos têm reafirmado o valor de tais experiências como geradoras de mudanças positivas para a saúde e bem-estar do indivíduo, fato que JUNG já havia anunciado há bastante tempo em sua teoria psicológica.

As pessoas sadias, autorrealizadas, que atingem um nível ótimo de bem-estar apresentam um estilo de vida de caráter transpessoal. São pessoas que no seu desenvolvimento transcendem seu próprio processo de individuação, pois buscam harmonizar-se com a natureza, com os outros, com a sociedade, com o Espírito e com o Cosmo. Nesse processo de evolução de ser, essas pessoas vivenciam com muita freqüência estados cósmicos, experiências de transcendência material e de unidade espiritual.

No estilo de vida transpessoal, todas as dimensões da existência humana são plenamente vividas. Configura-se, então, determinada simetria nas interrelações que se estabelecem, na qual flui a energia da solidariedade ecológica, humana, social, espiritual e cósmica.

Como situar o lazer nessa simetria do estilo de vida transpessoal? O tempo livre é o suporte social, no qual o indivíduo liberado de todas as suas obrigações institucionais e pessoais,

pode defender-se das ideologias mercantilistas e patológicas do ser, conquistando assim o lazer, como o espaço/tempo no qual é possível seu real desenvolvimento através da produção, gestão ou usufruto de bens culturais em plena harmonia com a natureza, a sociedade, os outros e consigo mesmo.

O lazer assim definido constitui parte da simetria dos estilos de vida direcionados para o crescimento, nos quais as dimensões profissionais, familiares, religiosas, políticas e instrucionais do indivíduo deverão estar autorrealizadas o suficiente para permitir o desenvolvimento de metas transpessoais. O lazer é, portanto, a autorrealização através da autotranscendência no tempo livre. A perspectiva transpessoal do lazer indica não haver dicotomia entre o individual e o ecológico, entre o individual e o social, entre o individual e o cósmico.

No estilo de vida transpessoal todas as dimensões da vida do indivíduo estão interligadas numa simetria que participa do holomovimento. Cada

uma das dimensões é capaz de refletir a simetria em sua totalidade. Portanto, o modelo de lazer transpessoal pode ser considerado um indicador de estilos de vida plena que, por conseguinte, pode determinar uma longevidade sadia, autorrealizadora e autotranscedente.

“Após vivenciar mais momentos de êxtase, a pessoa percebe que algo de belo, de perfeito aconteceu, que entrou em contato com o divino, que sua consciência foi iluminada.”



VELHOS DE RUA NO BRASIL: A MORTE SILENCIOSA

MARIA ANA MOURA DE OLIVEIRA DA SILVA
GEÓGRAFA E PLANEJADORA/UFRN

“Não há espaço para os velhos
nem no ambiente urbano nem no ambiente doméstico.
A maioria dos velhos vive só, sem apoio familiar e torna-se
pedinte nas ruas, abandonado sob o olhar indiferente da
população. A ausência de programas para os velhos de rua
perpetua a discriminação e reproduz a pobreza e a miséria.”

Segundo os últimos dados censitários do IBGE, a população idosa, isto é, as pessoas acima de sessenta anos, representam hoje quase 8% da população total do país. São mais de 11 milhões de pessoas idosas, dentre as quais 54% são mulheres. Esses dados traduzem a emergência de uma nova realidade no cenário nacional: o Brasil está ficando mais velho.

Os estudos realizados sobre a terceira idade revelam que o aumento do número de idosos, tanto em termos relativos como absolutos, se deve a vários fatores.

Em primeiro lugar, está a tendência crescente da expectativa de vida do brasileiro, hoje em torno de 67 anos, em média. Esse dado revela que houve uma melhoria geral das condições de vida do brasileiro desde o início do século. No entanto, mascara importantes diferenças entre homens e mulheres (as mulheres têm uma expectativa de vida bem maior do que os homens), entre regiões (a expectativa de vida do nordestino está muito aquém da média nacional) e entre local de origem (o meio urbano proporciona maiores oportunidades de vida longa que o meio rural).

Em segundo lugar, a ampliação da expectativa de vida da pessoa idosa no Brasil está intimamente relacionada com a melhoria geral das condições de saúde e com a mudança dos padrões de doença e saúde. Antigamente, as condições de vida ocasionavam maior número de doenças infecciosas e parasitárias. Hoje, o risco de morte por doenças infecciosas se reduziu bastante e os que escapam de morrer por essas doenças sobrevivem até à meia-idade e mais. Na terceira idade há

riscos maiores de morte por doenças degenerativas (como o câncer), por hipertensão, stress ou causadas pela ação do homem.

Essas mudanças têm como resultado uma alteração significativa da estrutura da população brasileira. Já não predomina mais a tão propaganda composição jovem da população brasileira, como nos anos 70. Com a redução dos índices de mortalidade e a diminuição concomitante dos índices de natalidade, destaca-se o aumento da população idosa, fenômeno que atinge não somente o Brasil, mas também o resto da América Latina e Caribe.

A definição conceitual da terceira idade segue a terminologia francesa de HUET para definir uma categoria etária, cujo princípio cronológico pode variar de 60 a 65 anos. Fica evidente a ausência de unanimidade sobre o que é ser velho. As posições variam em função de diferentes critérios. Podemos dizer que o envelhecimento não é apenas um processo físico, é um processo individual com amplas variações. Tanto a prática como a pesquisa mostram que existem diferenças marcantes entre pessoas de faixa etária de 60 anos e mais (MAHLER, 1982).

O envelhecimento é considerado o período em que todos (depois de terem passado pelas fases de crescimento e maturidade) entram na terceira idade. Portanto, é uma fase normal do ser humano. A velhice não é doença nem anormalidade endócrina, nem a idade das artérias. O velho sadio não é fisiologicamente nem psicologicamente velho. Existem, portanto, várias discussões e poucas definições sobre a velhice, não havendo unanimidade sobre o tema.

A Organização Mundial de Saúde-OMS considera 65 anos como marco inicial caracterizador do envelhecimento, embora as estatísticas que documentam a geriatria afirmem que na maioria das vezes o número de anos vividos não corresponde à idade fisiológica. Existe muita dificuldade para se estabelecer o início do envelhecimento, o fato variando de indivíduo para indivíduo.

O que caracteriza a velhice, segundo AVILA, citado por HADDAD, (1986) é a perda dos ideais da juventude, a dessintonização com a mentalidade de seu tempo, o desinteresse pelo cotidiano, a perda do humor, a desconfiança no futuro e o desamor ao trabalho.

O envelhecimento da população refere-se às transformações na estrutura por idade, como resultado das mudanças que se dão nas variáveis demográficas, principalmente a diminuição da fecundidade (VERAS, 1993). Esse fenômeno bastante recente em nossa história social já se iniciou muito antes nos países industrializados, onde a dinâmica demográfica assume níveis e velocidade de mudança totalmente distintos. Na América Latina trata-se de uma experiência nova e sua compreensão constitui-se num desafio para os cientistas sociais, já que as transformações da estrutura populacional não vêm acompanhadas de políticas sociais que considerem e assumam o problema como compromisso social.

Entende-se que o envelhecimento está contextualizado em múltiplas dimensões entre as quais se ressalta a questão biológica, a cronológica, a sócio-econômica, a cultural, a política e a demográfica. Todos esses fatores são produtos dinâmicos e transformadores da idade. A idade biológica ou "idade das artérias" pode ou não coincidir com a idade cronológica e as demais construções sociais sobre

velhice, pois todas são socialmente construídas.

Tais determinantes são de tal forma ativos na produção histórica do idoso que acabam por determinar socialmente e sobretudo influenciar decisivamente no ritmo e na forma como se processa o envelhecimento.

Dessa maneira, em cada sociedade e na mesma sociedade e em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidades, papéis e significados distintos em função do meio, seja rural ou urbano, de cada classe social, do grupo profissional, do parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam a história de vida de cada cidadão, durante toda a sua existência.

A questão social da velhice é produzida pela expansão das classes trabalhadoras e assalariadas, transformando o idoso, antes circunscrito ao meio familiar, em objeto de ação institucionalizada do Estado e da sociedade civil. Por essa razão, os processos sociais da velhice emergem na dinâmica demográfica e sedimentam-se como objeto das políticas sociais. O aumento relativo e absoluto da população idosa, sua representatividade em torno de 8% da população fazem com que a perspectiva da velhice ou do envelhecimento se torne objeto de reflexão profunda.

A perspectiva do envelhecimento cresce a cada dia para um número maior de pessoas que perdem papéis sociais e se isolam e que devem institucionalizar sua participação para encontrar formas de integração e convívio social. Em nosso país, com diferentes patamares de desenvolvimento, setores ditos modernos sentem primeiro os efeitos desta nova sociabilidade que se expande e que atingirá logo em breve as demais regiões.

"O envelhecimento é considerado o período em que todos (depois de terem passado pelas fases de crescimento e maturidade) entram na terceira idade. Portanto, é uma fase normal do ser humano."

A institucionalização da velhice contemporânea se amplia, aliada a uma velhice subdesenvolvida e hipodotada, imersa na massa de crianças abandonadas, das mulheres desgastadas e oprimidas, jovens e adultos desempregados e subempregados, levando-nos a refletir por quê nossa sociedade investe hoje na formação de crianças e adultos capazes para, ao final, excluir e discriminar os idosos.

Para se entender qual a situação do idoso no Brasil de hoje é necessário estudar as formas combinadas e contraditórias, ambíguas e conflituais que agem como determinantes macro e microsociais na definição de resultados e linhas de força que, em conjunto, delineiam as múltiplas condições de vida dos idosos no contexto nacional e regional, diversificado e contrastante da sociedade brasileira.

Em nosso país, o tema velhice vem despertando cada vez mais atenção. O reflexo disso é a crescente quantidade de reportagens, artigos e publicações sobre o assunto. Isso decorre do fato de que a presença dos idosos nos diferentes momentos da vida cotidiana passa a ser mais freqüente e mais notada. Digno de registro constitui-se, por exemplo, o problema social dos aposentados, tendo em vista o impacto que o aumento de pensões, benefícios e aposentadorias passa a ter sobre o sistema previdenciário no Brasil.

A análise das condições de vida dos idosos mostram que a velhice é difícil e sombria para os brasileiros. Dispersos e desorganizados, raramente conhecem seus direitos ou conseguem alcançar que sejam respeitados. Na sua maioria, são rejeitados, principalmente os mais pobres, que ficam assim relegados às feições dramáticas e segregadoras dos asilos.

Há uma imagem estereotipada da terceira idade. Essa imagem está se

modificando com o aumento da diversidade de padrões e estilos de vida do idoso de hoje. A expectativa de vida se amplia, acenando para maiores modificações nos comportamentos dos idosos. A mudança de padrão familiar, a mudança na situação econômica, as mudanças de comportamento de corpo e mente, as mudanças de interesses e oportunidades trazem conseqüências positivas e negativas ao idoso.

Esse processo de transição demográfica coloca em evidência um grande problema para o futuro do país, o do envelhecimento de sua população. Os idosos de amanhã já nasceram e em breve ampliarão significativamente o contingente dos que já perambulam em nossa cidade.

Importante notar, em primeiro lugar, a dificuldade de obtenção de dados, reflexo do descaso com que é tratada a questão da terceira idade em nosso país e em nossa cidade.

A análise das políticas voltadas para essa temática revela a ausência quase que total de planejamento para essa categoria populacional que vem sofrendo repetidas limitações e humilhações nos seus direitos. A questão da aposentadoria das pessoas idosas volta repetidamente às primeiras páginas dos jornais, evidenciando a amplitude do problema e o sofrimento dos aposentados e pensionistas.

Os problemas enfrentados pelo sistema previdenciário brasileiro e a indefinição de uma política única de Previdência Social comprovam que o país não está preparado para lidar com esse crescente contingente populacional. Há um desajuste crescente na estrutura social do país. Assim sendo, não há espaço para os velhos no ambiente urbano, na comunidade, nem no espaço doméstico.

Como o discurso da cidadania não assegura que todos os brasileiros

sejam reconhecidos como cidadãos, não somente as crianças, mas também os velhos são relegados à vida e à morte nas ruas, sob o olhar indiferente do resto da população. Esse problema tende a agravar-se, pois se hoje apenas 8% da população brasileira é idosa, no ano 2025, 15% da população terá mais de 60 anos.

Como dissemos anteriormente, a expectativa de vida no Brasil cresceu e está hoje em torno de 67 anos, apesar de apresentar diferenças significativas por sexo e região. De modo geral, a mulher idosa vive mais, e a expectativa de vida no nordeste, por exemplo, é mais baixa do que a nacional.

Um levantamento realizado pelo Grupo de Trabalho e Envelhecimento Populacional do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - NEPAM/UFRN informa a situação do idoso em Natal. O idoso, em Natal, é desconhecido e o descaso como está sendo tratada a questão da terceira idade no âmbito das populações de Natal é vergonhoso. O idoso é um desconhecido na cidade.

O modo como se evidencia a temática do envelhecimento faz do idoso apenas um objeto de estudo e nunca sujeito da história. A questão da mulher na terceira idade e relação de gênero torna-se mais real ainda pelo fato de a mulher ser duplamente discriminada, como mulher e como idosa. Por ela ter baixa participação econômica na vida familiar e na vida comunitária sofre restrições muito fortes no desempenho de sua vida social e sexual (velha só serve para encher o saco, lavar pratos e tomar conta dos netos).

Há necessidade, portanto, de dar maior transparência, no Brasil, à questão da terceira idade, tirando o idoso e a idosa do ostracismo a que estão relegados como objeto de estu-

FOTO 2

do. Dentro dos estudos de gênero a categoria analítica da velhice tem sido bastante enfatizada na sua dimensão de saúde, embora não haja política de saúde voltada para o idoso no Brasil, mas essa mesma categoria tem sido pouco enfatizada em termos sócio-antropológico (BARROS, 1981).

O problema que pretendemos abordar aqui é o dos idosos abandonados nas ruas. Dados levantados mostram que na cidade de Recife, por exemplo, em 1992, registrava-se, em média, 30 óbitos de indigentes idosos por mês. Isto leva a crer que na imensidão do espaço urbano há velhos de rua que vivem sozinhos e dormem nas ruas frias, desoladas e perigosas das cidades brasileiras. e, em consequência, certamente inúmeros velhos morrem esquecidos nas ruas ou nas emergências dos hospitais públicos, assistidos apenas pela indiferença de quem conhece e silencia esse problema.

Envelhecer e morrer é algo que assusta a quase todas as pessoas. Mas existe algo pior que é envelhecer e morrer na rua. Nas cidades nordestinas não se conhecem exemplos de albergues para o pernoite dos idosos que vivem nas ruas, ou outros projetos nesse sentido, montados por instituições públicas. Os governantes estaduais e municipais não têm planos de atenção ao idoso nessa situação. Programas existem, mas para idosos com família. Nada, porém, está previsto para o idoso abandonado, nem mesmo um programa emergencial de recolhimento de velhos de rua durante o inverno, período de chuva e de frio mais intenso.

As instituições públicas brasileiras não acolhem as pessoas, ao contrário discriminam-nas, deixando-as por conta de suas famílias. Ocorre que no Brasil as famílias, em sua maioria, não têm condições de amparar, educar e

proteger nem seus filhos, dada a situação de pobreza e miséria em que se encontram.

Os velhos no Brasil nunca foram objeto de estudo que causasse polêmica e suscitasse impacto no conjunto das políticas públicas. Para muitos de nós, governantes e técnicos, o Brasil continua sendo um país jovem, de jovens que pensam dessa maneira. Fica difícil preparar o país tanto física como socialmente e mudar a mentalidade dos dirigentes e da população para conviver com os idosos e com os que a cada dia ampliam as fileiras desse grupo etário.

Os idosos em sua maioria vivem sozinhos, sem família, tornando-se indigentes e pedintes. Sentem vergonha da situação em que se encontram. Tentam justificar-se como se não tivessem direito de serem amparados por lei, procurando esconder a realidade de uma trajetória de vida sofrida, feita de trabalho, tendo como recompensa o esquecimento de todos e como último abrigo a rua da cidade.

Repensar a velhice significa abordar a construção social de um fenômeno que atinge um segmento populacional crescente: os idosos enquanto faixa etária de 60 anos balizados por várias dimensões, por vários discursos.

Existe um discurso científico acerca da velhice, que foi formulado pela geriatria (que se dedica a estudar o velho) e pela gerontologia (que estuda o envelhecimento em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais e econômicos).

Existe outro discurso que se expressa através de leis e decretos, portarias etc., em que a preocupação com o idoso perpassa pela Previdência Social e que se acentuou a partir dos anos 60 e diz respeito a políticas e práticas de cunho nitidamente assistenciais. Esse discurso é geralmente o

mesmo das instituições públicas que realizam programas voltados para a terceira idade.

As ciências médicas da velhice têm grande interesse em traçar com clareza o perfil do idoso, prescrevendo como e de que forma envelhecer, refletindo sobre programas adequados aos alvos que estabelecem. Já o Estado especifica direitos e prerrogativas, implantando medidas legais que, de modo lento ou rápido, alteram pouco a pouco a condição do idoso.

Estudos mostram que historicamente essas duas ordenações se harmonizam às vezes e às vezes se afastam, formalizando um quadro de disputas entre instituições que atendem à terceira idade, de tal modo que, “protegido e guiado”, o idoso se encontra subordinado às ciências médicas e ao Estado, reduzido a objeto de atendimento, longe de ser sujeito direcionador de sua própria história.

Nas condições atuais de pobreza social e política, falar da qualidade de vida do idoso é falar do abandono, do sofrimento e da indiferença. Esse tripé sustenta e apoia a sobrevivência dos velhos e velhas de rua nas cidades brasileiras. Não se sabe quantos idosos vivem nessa situação de penúria e miséria no Brasil.

Os problemas enfrentados pelos idosos são semelhantes nos vários países da América Latina, embora com variantes econômicas e culturais, dependendo do estágio de desenvolvimento econômico de cada país e das particularidades de sua estrutura social. Assim sendo, os problemas dos idosos no Brasil são o reflexo de nossa situação peculiar, do desmoronamento de nosso estado de bem-estar social que relegou os velhos ao terceiro plano das prioridades assistenciais, da falta de coerência de nosso sistema previdenciário.

Conforme estudos realizados, os

gastos públicos na área de previdência social não beneficiam as famílias mais pobres. Os custos são altos por causa da burocracia e da natureza das práticas sociais com que operam. Segundo FLEURY (1989), “a assistência social no contexto das políticas sociais se comporta como no campo de benesses e de práticas clientelistas”. Dessa forma, a assistência social só reforça a pobreza, a concretude da injustiça social, revelando a face perversa dos programas sociais brasileiros, percebida na solidariedade das esmolas, na distribuição de cestas alimentares, na distribuição de ticket de leite ou sopa.

Mas, apesar de tudo, estamos conscientes de que a assistência social ainda é, tanto para os idosos como para as crianças desse país, o mecanismo principal de acesso aos serviços sociais urbanos, como abrigos, creches, programas habitacionais (desde que não se separe o idoso do convívio familiar), programas de saúde, atividades de lazer e programas culturais, diminuindo, portanto, o vergonhoso problema da morte silenciosa dos velhos de rua no Brasil.

Estamos cientes de que o percurso que nos propomos adotar não esgota o assunto. O grupo pretende contribuir para desvendar a face oculta da velhice em Natal (RN), isto é, as condições objetivas de vida dos idosos e das idosas em nossa sociedade, num contexto geograficamente delimitado e historicamente determinado.

“Os problemas enfrentados pelo sistema previdenciário brasileiro e a indefinição de uma política única de Previdência Social comprovam que o país não está preparado para lidar com esse crescente contingente populacional. Há um desajuste crescente na estrutura social do país. Assim sendo, não há espaço para os velhos no ambiente urbano, na comunidade, nem no espaço doméstico.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGULO, Marcos Smith. Cadernos da Terceira Idade. São Paulo: SESC (4) agosto/1979 (6) 1980.

AVILA, Jarbas José. Geriatria e Gerontologia: sua importância no mundo atual. In Senecta - Revista Médica Clínica e Terapêutica da Terceira Idade, Rio de Janeiro, ano I, 1 (1) : 22-25, 1978.

BARROS, Myriam Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. São Paulo: Difusão Européia do livro. 1976. vol.2).

BERQUÓ, E.S.Motta Leite, Algumas considerações sobre demografia da população idosa no Brasil. In: Ciência e Cultura, São Paulo, 40 (7): 679-688, 1988.

BOGUS, Lúcia Maria Machado. Processos migratórios e transição demográfica: o caso da metrópole paulista. In: ANAIS da IV Conferência Latino-Americana de Población, México, março de 1993. (p.25-39, vol 2).

FERRARI, Branca T. Brasil discrimina seus velhos. In: CT Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica. São Paulo, ano XIII (7):19-27, julho de 1984.

FERRIGNO, José Carlos. A sexualidade dos mais velhos. In: Revista Intercâmbio, no. 3, set.-dez., 1988.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A POPULAÇÃO. Relatório sobre a situação da população mundial. FNUAP, 1993.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. A ideologia da velhice. São Paulo. Cortez, 1986.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. A invenção social da velhice. Rio de Janeiro, Pappagaio, 1989.

MAHLER, Halfdan F. Remoçando a velhice. In: OMS. Remoçar a velhice, 1982 p.1 (publicação avulsa).

NOVAES, Paulo. A terceira idade. In: Coleção Tempo e Vida, nº 1, ano I, 1992. Rio de Janeiro: CBCISS, p.10-17.

PAÍS, MOSTRA A SUA NOVA CARA. In: Jornal da família, suplemento O globo, 14/11/93.

PATARRA, Neide et al. População brasileira Anos 90: Políticas sociais anos 90. São Paulo: FUNDAP, 1991.

PERPETUO, Ignez Helena. RODRIGUES, Roberto Nascimento. Mudanças no padrão demográfico, migração e suas implicações para a formulação de políticas públicas. In: ANAIS da IV Conferência Latino-americana de población. México, março de 1993. (p. 887-900, vol. 2).

RAMOS, L.R. et al. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. In: Revista Saúde Pública, 21 (3): 211-224, 1987.

SALGADO, Marcelo Antonio. A questão social da velhice. São Paulo: SESC, 1990.

SCHERMAN, José. A mulher envelhece mais rápido, mas vive mais 4% do que o homem. In: Senecta - Revista Clínica e Terapêutica da Terceira Idade. Rio de Janeiro, ano 1, 1 (2): 10-11, 1978.

SILVA, Maria Ana Souza de Oliveira da (Coord.) Levantamento das políticas sociais de atenção à mulher idosa no Brasil e em Natal. UFRN, Departamento de Geografia, 1993.

VERAS, Renato P. e DUTRA, Sidney. Envelhecimento da população brasileira: reflexões e aspectos a considerar quando da definição de desenhos de pesquisas para estudos populacionais. In: Physis - Revista de saúde coletiva. Rio de Janeiro, Ano I, no.1, p.107-126, 1943.

VALDES, Tereza e GOMARIZ, Enrique (Coord.) Mulheres latino-americanas em dados/Brasil. Instituto de la Mujer de España/FLACSO, 1993.



ENVELHECER NO BRASIL UMA AVENTURA!

DR. OSVALDIR VIEIRA DA SILVA
MÉDICO ESPECIALISTA EM GERIATRIA E GERONTOLOGIA

“Para se envelhecer neste
país é preciso ser um herói.”



Afirmam os epidemiologistas que o Brasil caminha a passos largos para o envelhecimento de sua população. Há estudos prospectivos que citam o alarmante dado, informando que no ano 2.025 ocuparemos a sexta posição mundial em número de idosos.

Hoje, o Brasil conta aproximadamente com 8% de sua população, tendo mais de 60 anos - ainda é um país de jovens. Mas mudanças no comportamento sócio-cultural desta nação já se fazem presentes, tais como a diminuição da taxa de fecundidade, o aumento da expectativa de vida, a redução da mortalidade infantil, dando claros sinais que nossa pirâmide populacional, como disse acima, caminha realmente a passos largos para a perda do rótulo de país de jovens.

E foi sob esse rótulo de "país de jovens" que nossos governantes vieram, até passado recente, locando prioritariamente os recursos econômico-sociais, privilegiando a primeira idade. A inexorável ação do tempo, porém, temperada pelo sabor da liberdade democrática antes tolhida, fez emergir, a princípio de modo incidioso, mas depois com força total, a questão do idoso em nosso país.

E o que se vê em matéria de destrato ao idoso brasileiro não é nada bom, ainda mais quando se acredita que os dados que nos chegam através da mídia podem representar apenas o ápice do iceberg.

Para se envelhecer neste país é preciso ser um herói, senão vejamos:

- **Assistência materno-infantil** - A grande maioria das gestantes são subnutridas, não tendo acesso aos serviços de pré-natal, fazendo com que a gestação evolua sob todas as intempéries possíveis. O parto pode ser em casa, no carro da polícia ou ainda em algum Pronto Socorro mal equipado. Só muito raramente ocor-

re dentro de uma maternidade. Fica assim o recém-nascido sujeito a toda sorte de moléstias que poderão marcá-lo de forma permanente para o resto da vida. Mas se a divindade ajudar, nascerá mais um cidadão brasileiro. O próximo crivo será a puericultura e a primeira infância. Doenças infecciosas, desnutrição, maus tratos, violência poderão ceifar sua vida logo nos primeiros anos.

- **Adolescência** - Estudar em escola de bom nível, só para os ricos. A massa vai estudar mesmo é nas escolas governamentais. Aí ficará sujeita ao ensino que parece não estar nos seus melhores tempos. Há carência de professores, o material escolar é caro, os prédios estão depredados, o programa governamental de alimentação ao escolar é deficiente (há quem diga que já se saqueou a merenda escolar).

Os cursos profissionalizantes são poucos e de difícil acesso, o emprego de menores é rejeitado. Resta o caminho mais fácil: enturmar-se, roubar (no começo, pequenos furtos como tocafitas de carros, para depois se passar a ações mais complexas). Prostituir-se, experimentar ou tornar-se adepto definitivamente de algum tipo de droga e descobrir rapidamente uma forma de obter dinheiro, traficando, faz parte desse processo.

- **Adulto pleno** - Se apesar de todas as mazelas, ou mesmo com todas elas, este brasileiro chegou à idade adulta, certamente constituirá família, não nos moldes tradicionais, posto que as estatísticas mostram também um aumento nas relações não matrimoniais oficiais. Terá filho e dirá alto e bom-som que, se for preciso, roubará para mantê-lo. E sabemos que alguém faz isso em algum momento da vida. Só um filho, de maneira alguma! Deus disse: "crescei e multiplicai-vos!" Assim, constituirá um lar repleto de filhos que seguirão a mesma trajetória de vida

anteriormente descrita. Certamente trabalhará e conhecerá o Instituto de Previdência Social (INSS) e também o Ministério do Trabalho, onde se tornará freqüentador habitual em reclamações trabalhistas. Mas sempre acalentará o sonho de “encostar no INPS”, o mais rápido possível ou, na pior das hipóteses, aposentar-se por idade. Sonha com a aposentadoria.

- Adulto pré-senil - Não deu para encostar no INPS, mesmo apesar daqueles acidentes de trabalho, quem sabe, forjados por ele mesmo; pagou a contragosto a tal da previdência social, até porque não teve escolha, pois tal desconto já vinha embutido na folha de pagamento. Tentou comprar uma casa pelo plano do BNH, mas as coisas andaram mal, disseram que o sistema estava falido... O fato é que seu salário mal dá para pagar a mensalidade do BNH. A sorte é que o resto da família ajudou. A esposa vende algumas coisas para fora, os filhos fazem algum serviço que ele não conhece muito bem e chama de “bicos”. Conseguiu comprar um carrinho, usado, é claro, mas é bom, tem quase dez anos de idade e quase não dá defeito. É verdade também que, com o preço da gasolina, só dá para andar de carro aos domingos. Alguns o chamam até de “domingueiro”, coisa que não entende muito bem.

- Primeira velhice - Chegou a hora de aposentar-se. Foram 30 anos de contribuição suada para a Previdência Social. Agora, sim, pensa que irá descansar. Quanto engano! Quanta frustração! Primeiro, ninguém sabe explicar muito bem o que ele tem que fazer para obter a tal da aposentadoria. No momento, estão dizendo que a tal lei vai mudar. Uns dizem para ele esperar, outros dizem para ele se apressar, senão perde tudo. Nesta confusão, conhece um advogado que diz ser especialista no assunto e que

vai aposentá-lo no menor espaço de tempo e com o maior rendimento possível. Claro, não será de graça. Assim, concorda em repassar para o advogado as 6 primeiras mensalidades que receber do INPS. Junta os documentos, vai, volta, vai, junta mais papéis, vai às firmas onde trabalhou anteriormente etc... Finalmente, entrega tudo ao advogado. O tempo passa, o dinheiro não vem. Não adianta reclamar, pois já ouviu dizer que o INPS é assim mesmo. Algum tempo depois (e pode ser anos) ele é informado que já está aposentado e que o expert no assunto contratado obteve o melhor para ele: imagine, receberá um salário mínimo por mês, sem ter que trabalhar! Isto não é ótimo?... Claro que terá de pagar o advogado durante 6 meses, mas para quem já esperou tanto, isto não faz muita diferença.

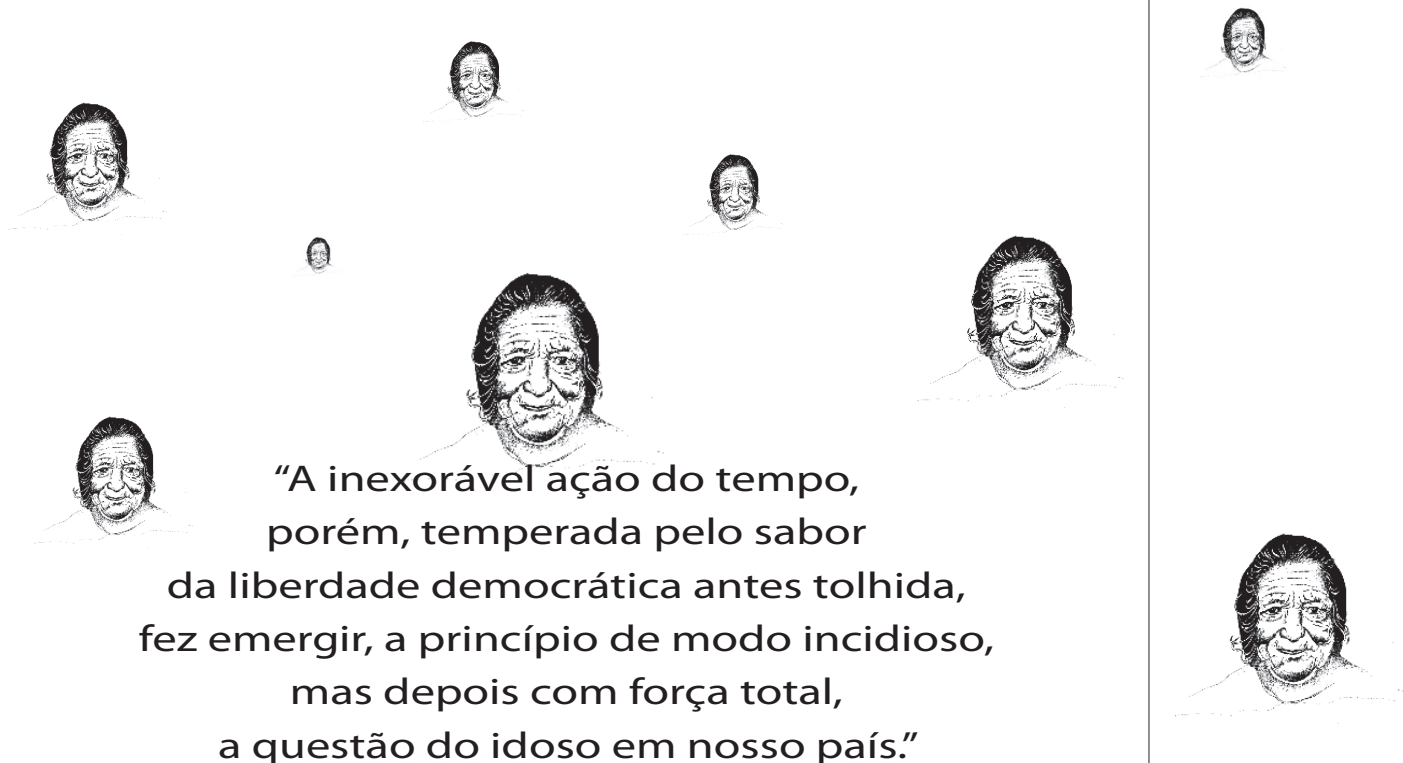
- Segunda velhice - O dinheiro do INPS mal dá para viver. Seus filhos casaram-se e mudaram não sabe muito para onde. Sua esposa está doente e dizem que o INPS não trata este tipo de doença e nem tem remédios para dar. Angustia-se entre comprar alimento ou remédio para a esposa. Ela piora, apesar de tudo, e vem a falecer. Engraçado, os filhos não vieram, mesmo tendo mandado recado. "Devem estar com muitos problemas na vida", pensa.

- Terceira velhice - Agora viúvo, atacado por um tal de reumatismo, já não consegue andar. A casa onde morava lhe foi tomada porque não conseguia pagar a prestação e de nada adiantaram seus argumentos. Disse-lhe o juiz, na audiência de despejo: "dai a César o que é de César!" Engraçado, pensou, parece que falta alguma coisa nessa frase, mas se foi o juiz quem a pronunciou, ele deve estar certo. Assim sendo, foi sumariamente despejado e não tem mais onde morar. Procura ajuda aqui, alí, acolá, mas ninguém pode ajudá-lo

e nem sequer lhe dá emprego, alegando que ele não consegue mais trabalhar. Resta o asilo. Assim, procura alguém ligado à sua igreja, que se comprometa a falar com o líder religioso sobre seu problema. Tenta, através dessa autoridade, uma ajuda para obter a tão desejada vaga no asilo. Aquilo, sim, deve ser o paraíso: tem comida, chuveiro quente, cobertor, cama macia, tem até enfermeira ou, quem sabe, até um médico... É informado que conseguiu uma vaga no Asilo Boa Viagem. Fica radiante! Dizem que lá é muito bom. Levam-no para lá e antes de mais nada vai para a entrevista inicial com a chefe do asilo que lhe pede para assinar um monte de papéis que ele não entendeu muito bem, mas também agora não seria a hora de questionar coisa alguma. Assim, sendo, assinou tudo que lhe foi posto na frente. Mais tarde, ao perceber que não recebia mais sua aposentadoria, veio a saber que um daqueles papéis por ele assinado transferia sua aposentadoria para o asilo. A princípio ficou meio revoltado, mas depois acalmou-se, pensando ser justo.

- Fim da jornada - Os anos passaram mais rápidos do que tinha imaginado. Agora suas doenças o impossibilitam de locomover-se, obrigando-o a ficar na cama o tempo todo. Acha que nas suas costas tem algumas feridas causadas pelo fato de ficar tanto tempo deitado. Acha também que sua urina está com um cheiro forte que antes não tinha. Mas agora as coisas não fazem tanta diferença, mesmo porque seu raciocínio está lento, sente que demora para entender as coisas, quando as ouve, pois sua audição está péssima. Tem a impressão de que alguém mexe com ele na cama, não entende bem se é uma enfermeira ou a faxineira. Sente sede, muita sede, mas não consegue

mais falar e muito menos pegar a garrafa de água que está na cabeceira. Certo dia, começou a sentir algo diferente jamais sentido: uma espécie de torpor lhe subiu à cabeça, seus olhos já não reconheciam mais nada, seus ouvidos lhe traziam um silêncio como nunca ouvido; não sentia dor; aliás, não sentia nada, chegou até a pensar que se a morte viesse assim até que não seria tão ruim...



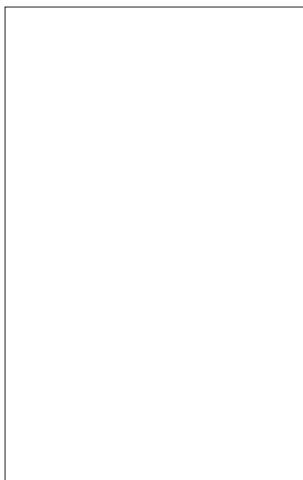
"A inexorável ação do tempo,
porém, temperada pelo sabor
da liberdade democrática antes tolhida,
fez emergir, a princípio de modo incidioso,
mas depois com força total,
a questão do idoso em nosso país."

“O MELHOR ANO DA VIDA”

A VIDA COMO EXERCÍCIO DE MELHORIA CONTÍNUA

O autor se propõe a escrever para aqueles que já chegaram à terceira idade. E explica por quê: “a maioria das pessoas acha que o ápice de sua vida está em torno dos 40 anos. Pior que isso, põe na cabeça que vai viver, em média, 65 anos. A absorção dessa premissa antropológica da vida tem seqüência, no mínimo, perversa. O raciocínio processa-se mais ou menos da seguinte forma: como faltam apenas quinze anos para a morte, e como o apogeu de suas vidas situa-se numa fase anterior, as pessoas enviam ao cérebro a mensagem de que realizaram 90% de tudo que deveriam realizar”. O resto do tempo é para esperar a morte.

Este é o paradigma de quem ainda não se deu conta de que a expectativa de vida vem crescendo de geração em geração. Sem dúvida, a vida entendida nesses termos constitui obstáculo a qualquer planejamento mais lógico e a qualquer processo de mudança, figurando como um



estranho paradoxo, isto é, a fatalidade de não morrer.

Diante dessa realidade, a postura em relação à existência deve ser equacionada de outra forma: vou viver minha infância e adolescência, trabalhar, aposentar-me nos termos tradicionais, por volta dos 55 anos, morrer aos 90 e o melhor ano de minha vida será o ano de minha morte.

Neste sentido, a proposta de “O Melhor Ano da Vida”, A Vida como Exercício de Melhoria Contínua, de Marco Aurélio Ferreira Vianna, Editora Gente, São Paulo, 1996, é bem mais ampla. É também um alerta para as pessoas que ainda estão em plena atividade, ou seja, no mercado de trabalho, um convite à reflexão, para que elas se preparem devidamente para o momento que se convencionou chamar de reta de chegada da carreira profissional.

Nessa fase, executivos e trabalhadores em geral, devido à ausência de programação prévia e guiados por

crenças e mitos, projetam para baixo a curva do ciclo vital, transformando sua terceira idade - a da sabedoria - em uma decadência terrivelmente deprimente. E a aposentadoria é um fator de grande influência nesse processo. Mais que uma ruptura, representa uma virada na vida do indivíduo, tornando-o inseguro e infeliz.

Isto indica que o trabalho está de tal forma ligado à rotina das pessoas que elas vivem muito mais o papel de recursos humanos do que a verdadeira essência do ser humano.

Por essa razão, a grande maioria vê no trabalho um castigo que começa, mais ou menos, aos 20 anos e termina aos 55. Como castigo, não faz sentido, uma vez que está entre as principais necessidades do homem. E todos aqueles que triunfaram, encontraram no trabalho o segredo de seu sucesso. Para eles o trabalho sempre foi planejado a longo prazo, independentemente da idade, porque sempre representou um valor social e não apenas uma justificativa do cheque no final do mês. Aliás, pesquisas realizadas nos Estados Unidos mostraram que o sentimento de inutilidade aguda, somatizado em forma de câncer, enfarte, aneurisma, atinge mesmo as pessoas sem problemas financeiros.

Dentro de uma visão otimista, o autor acha que está ao alcance de todos conduzir seus próprios passos, de maneira que se tenha o controle da vida. Sua tese é a seguinte: "se a pessoa tiver uma "motivação dinâmica", isto é, se buscar continuamente a qualidade de vida, independentemente de sua idade cronológica, certamente escapará do paradigma nefasto de que a

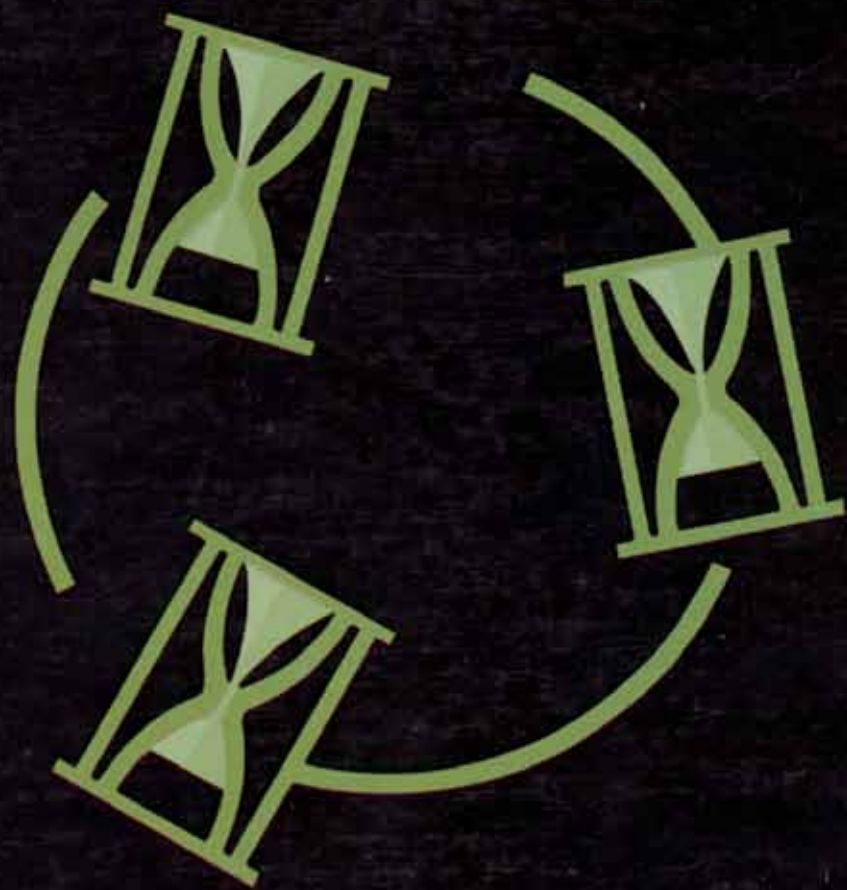
existência obedece inexoravelmente a uma linha ascendente até determinado patamar, seguindo-se cruel e irreversível descida".

À luz das transformações porque o mundo está passando neste fim de século, com forte impacto nas organizações empresariais, não há dúvida de que a motivação é um diferencial competitivo cada vez mais poderoso.

As pessoas que se mantiveram sempre motivadas e produtivas desafiaram o tempo e marcaram suas trajetórias com invejável e progressiva vontade de construir. Em outras palavras, programaram para si mesmas uma longevidade ativa, fugindo da amargura dos que encaram a longa existência como uma fatalidade pior que a própria morte. A propósito, essa preocupação com a longevidade está presente em todo o livro, sendo a questão abordada sob os mais diversos aspectos.

Enfim, na tentativa de sintetizar o pensamento do autor, "vale a pena viver, quando se consegue harmonizar felicidade pessoal e sucesso profissional como caminho para o triunfo". Utopia? Devaneio? Tire suas conclusões após a leitura dessas cento e sessenta e cinco páginas escritas com alma e muito entusiasmo.

Oswaldo Gonçalves da Silva



SESC

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
SÃO PAULO